

**JOSÉLLIO MEDEIROS DE FREITAS CARVALHO**

# **PEDRA ANGULAR**

**Memórias da Loja Maçônica**

**Libertas Quae Sera Tamen, de Ipanema – MG**

**Viçosa – MG**

**Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV**

**2009**

**JOSÉLLIO MEDEIROS DE FREITAS CARVALHO**

# **PEDRA ANGULAR**

**Memórias da Loja Maçônica**

**Libertas Quae Sera Tamen, de Ipanema – MG**

**Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.**

**Orientador: Prof. Dr. Ernane Rabelo**

**Viçosa – MG**

**Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV**

**2009**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo

Projeto Experimental intitulado *Pedra Angular: Memórias da Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen, de Ipanema – MG*, de autoria do estudante Joséllo Medeiros de Freitas Carvalho, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Ernane Correa Rabelo – Orientador  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV

---

Profª. Ms. Mariana Ramalho Procópio  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV

---

Prof. Esp. Carlos Henrique Cruz  
Instituto de Educação Superior de Manhuaçu – IESMAN  
Jornalista do *Tribuna do Leste*, de Manhuaçu – MG

Viçosa, 3 de dezembro de 2009

## AGRADECIMENTOS

Ao Pai Celestial, Grande Arquiteto deste Universo em que vivemos, construímos e amamos.

À minha família pelo amor, carinho e incentivo em toda minha vida.

Aos irmãos da Ordem DeMolay e tios da Maçonaria, por sempre estarem de pé e à ordem, demonstrando um companheirismo inabalável.

Aos irmãos que fiz na Universidade, por todos os inesquecíveis momentos vividos e que só poderão ser esquecidos quando deixarmos este mundo.

Aos amigos, pelos conselhos recebidos e oferecidos, que muitas das vezes me ajudaram a clarear a jornada da vida.

Aos colegas de trabalho nos estágios pelos quais passei, por terem sido meus preceptores no meio profissional.

A todos aqueles que me receberam em suas casas durante a elaboração deste livro, pela compreensão e hospitalidade.

Ao meu orientador, pela prontidão e paciência durante todo processo.

A todos que, ao seu modo, contribuíram para que este sonho se tornasse real.

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu pai, José Maria, por ser o maior e melhor exemplo de homem sábio, justo, bem-humorado e perfeito que eu poderia ter nesta existência.

À minha mãe, Élia, por todo amor, ternura e cuidados, sendo sempre um modelo de mulher zelosa e caridosa para toda família.

À minha irmã, Mayara, por considerá-la como nossa eterna caçulinha, o tempo todo cheia de encantos e espalhando otimismo.

SABEDORIA – TRABALHO – HUMILDADE

## **RESUMO**

O presente memorial discute o processo de elaboração do livro-reportagem “Pedra Angular: Memórias da Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen, de Ipanema – MG”, desde a idéia inicial até a etapa de pós-produção. A obra trata da maçonaria ipanemense e sua relação com a cidade através do seu apoio às entidades assistenciais por ela fundadas ou apoiadas. Com isso, trazemos um assunto da comunidade para o debate acadêmico. Como base teórica, há uma reflexão sobre a utilização do livro-reportagem como instrumento para informar com liberdade, sem deixar de ser fiel aos fatos. Também abordamos as dificuldades em se escrever sobre temas maçônicos. Na parte metodológica, há uma descrição e análise de todos os instrumentos utilizados para a captação de informações, sejam elas por meio de arquivos ou entrevistas. No encerramento, há sugestões para futuros pesquisadores que queiram relacionar maçonaria e jornalismo. Como parte anexa, estão as transcrições das entrevistas realizadas em toda etapa de apuração.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Livro-reportagem; maçonaria; instituições filantrópicas; Ipanema.

## **ABSTRACT**

This memorial discusses the process of designing the book-report “Pedra Angular: Memórias da Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen, de Ipanema – MG”, from the initial idea to the stage of post production. The work deals with Ipanema’s Freemasonry and its relationship with the city through its support of charities which it founded or stood up for. Thus, we bring a community affair for the academic debate. As theoretical basis, there is a reflection on the use of book-report as a tool to report freely, while remaining faithful to the facts. Also addressed the difficulties in writing about Masonic topics. The methodological part is a description and analysis of all instruments used to collect information, whether via files or interviews. In closing, there are suggestions for future researchers who want to relate Masonry and journalism. As attached, there are transcripts of the interviews made at verification stage.

## **KEYWORDS**

Book-report; masonry; charities; Ipanema.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 – DISCUSSÃO TEÓRICA .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 – O livro-reportagem a serviço da realidade .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 – O desafio de se escrever sobre maçonaria .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 – Pré-produção .....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 – Produção .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2.1 – Entrevistas .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2.2 – A voz do povo nas ruas .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2.3 – A história viva diante dos meus olhos .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2.4 – O promotor da justiça social .....</b>	<b>22</b>
<b>2.2.5 – Escrita .....</b>	<b>23</b>
<b>2.3 – Pós-produção .....</b>	<b>23</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>26</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>28</b>



## INTRODUÇÃO

A maçonaria sempre despertou a curiosidade da maioria das pessoas por ser considerada uma sociedade secreta. A mídia tradicional sempre optou, na maioria das vezes, por manchetes polêmicas ou “de última hora”, como decisões de política ou economia. Logo, por falta de espaço para análise em profundidade no jornalismo diário, alguns temas considerados “frios”, como a maçonaria, por exemplo, são engavetados. E mesmo com a atual velocidade das comunicações proporcionada pela Internet, temas maçônicos ainda continuam distantes do grande público, pois as informações *on-line*, muitas das vezes, são de fontes pouco confiáveis.

Os boatos em torno da maçonaria não são apenas culpa da mídia, pois a curiosidade é natural do ser humano, mas sua agenda tradicional possui uma parcela de culpa neste processo. Também é necessário dizer que alguns maçons são responsáveis por isso, porque se negam a responder às perguntas mais simples feitas pela sociedade. Some-se a isso, que “a literatura maçônica para leigos – e que seja confiável – é escassa no mercado” (CORRÊA, 2005:14). A junção de todos os fatores citados, direta ou indiretamente, contribui para aumento do ciclo de boatos em torno da maçonaria.

Com tal situação em voga, temos a seguinte pergunta: como o jornalismo pode fazer relatos fidedignos sobre Maçonaria e que atraiam o leitor? Este é um questionamento que intriga a muitas pessoas e que mereceu um estudo mais aprofundado, sendo o cerne, uma espécie de fio-condutor, de todo este projeto experimental. Para iniciar nossos trabalhos, definimos nosso objeto de estudo: a Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen, de Ipanema, cidade com pouco mais de 16 mil habitantes, situada no Leste mineiro.

Como ferramenta jornalística, decidimos pelo livro-reportagem, pois este se apresenta como uma alternativa tangível para responder à pergunta do parágrafo anterior, porque, como lembra Bulhões (2007), esse tipo de texto utiliza uma linguagem menos presa que o texto tradicional e faz análises profundas dos fatos, sem deixar de lado o caráter jornalístico.

A Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen foi fundada no dia 28 de maio de 1943, numa época em que os meios de comunicação eram muito precários. Ainda hoje, não houve grande desenvolvimento na área: há somente o Sistema Ipanema de Comunicação (TV – afiliada da Rede Super, estação AM e estação FM), onde não há profissionais graduados em Comunicação Social.

No caso específico de Ipanema, o livro-reportagem tem a missão de fazer o resgate da história da Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen. Através da hierarquização das

informações pesquisadas em arquivos e colhidas nas entrevistas, foi possível fazer uma análise do lado social da Loja, onde se percebeu o alto grau de envolvimento da maçonaria com aquela cidade.

É importante lembrarmos que a elaboração de um livro-reportagem serve também para meu amadurecimento jornalístico, porque, como esclarece Lima (2004), há um aprimoramento de técnicas de apuração, jornalismo de imersão, entrevista em profundidade e hierarquização, preenchendo estas lacunas no curso de Jornalismo. Isso mostra que este trabalho deve ser feito por um jornalista e não por um historiador, pois o jornalista tem as técnicas de redação mais propícias para condensar vários anos de existência de uma sociedade, ao passo que um historiador demoraria muito, se prenderia a detalhes desnecessários e não teria o rigor jornalístico, como alerta Pena (2007), nos momentos de apuração, pois não é fácil colocar num livro mais de 60 anos de história.

Fazer este projeto experimental também foi mais uma forma de contribuir para o meio acadêmico, uma vez que trouxe assuntos da comunidade para serem debatidos. Além do mais, sou filho e neto de maçons. Sou da primeira turma de DeMolays de Ipanema. Minha mãe e minha avó foram presidentes da Fraternidade Feminina. Meu pai já foi presidente da Loja e meu avô foi o encarregado de algumas reformas na estrutura física do prédio.

Como é perceptível, fui praticamente criado dentro da Loja. Vejo a maçonaria como minha segunda família. E notei que nunca foi feito nenhum relato escrito sobre a maçonaria ipanemense para a sociedade. Por se tratar de uma sociedade secreta, muitas pessoas podem pensar que lá ocorrem cultos ao demônio ou coisas do gênero, mas, com minha vivência maçônica e a escrita deste livro, posso afirmar o contrário: a maçonaria da cidade criou a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), Guarda Mirim, Asilo, Abidi (Associação Benemerente à Infância Desamparada de Ipanema), DeMolay (organização juvenil), entre outras instituições. Este livro-reportagem pretende servir como prova para quem quiser tirar alguma dúvida sobre isso.

É necessário ressaltar novamente que não havia nenhuma publicação externa que mostre as ações da Loja para a sociedade. Havia somente alguns relatórios internos, aos quais tive acesso. Eles serviram como ponto de partida para a apuração das informações e checagem dos dados apresentados. Desta forma, este trabalho foi pioneiro na divulgação das ações da maçonaria ipanemense. Claro que, quando necessário, fizemos as devidas críticas a alguma ação, pois toda instituição é sujeita a erros.

Meu explícito envolvimento com o objeto de estudo foi alvo de julgamentos, no que diz respeito à imparcialidade, mas tenho consciência disso e soube como aproveitá-lo para o

bom andamento do projeto. Como sou do meio maçônico, tive fácil acesso a fontes primárias e secundárias, e todos os possíveis entrevistados da cidade sabiam do meu caráter jornalístico do trabalho e que eu não pouparia comentários se visse algo errado.

De modo geral, já é uma missão difícil se escrever sobre a maçonaria. Tão difícil quanto, é a elaboração de um livro-reportagem. Mas é necessário lembrar que através do texto jornalístico, recheado de elementos literários, o texto deste livro-reportagem, além de resgatar a história da Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen, ficou mais “leve”, o que pode vir a atrair mais leitores e ampliar seu público-alvo, inicialmente composto por pessoas interessadas em sociedades secretas ou instituições filantrópicas.

## 1 – DISCUSSÃO TEÓRICA

### 1.1 – O LIVRO-REPORTAGEM A SERVIÇO DA REALIDADE

De acordo com Noblat (2003), a realidade do jornalismo hoje se resume a textos pré-formatados e que não precisam agradar ninguém além dos que os escrevem. Essa constatação tem origens nos vários interesses que rondam os jornais, tais como: econômicos e políticos. O mesmo Noblat (2003) afirma que a pauta, em determinados casos, funciona como camisa de força ao invés de orientar o repórter. Isso faz com que o desinteresse dos leitores aumente paulatinamente.

Some-se a isso que o jornalismo diário exige uma rotina de produção muito rápida. Sobre isso, Pinto (2009) argumenta que durante o cotidiano da profissão velocidade das comunicações na atualidade exige isso do jornalista. Com isso, boas matérias sequer são apuradas. Somente algumas são feitas no esquema de reportagem especial. O tempo para checagem é curto e a procura por notícias é grande.

Um contraponto a tudo isso foi iniciado com o movimento *New Journalism*, surgido na década de 1960 nos EUA, onde repórteres passaram a utilizar elementos literários para aprimorar suas reportagens. Bulhões (2007) aponta o texto “Sinatra has a cold”, de Gay Talese, como um dos melhores exemplos deste tipo de escrita. O jornalista Talese fez um perfil sobre o cantor Frank Sinatra sem sequer conversar com ele. Sinatra estava com um resfriado e cancelou a entrevista, então o repórter passou a observá-lo, com muita atenção aos detalhes. Outros ícones do movimento são: Norman Mailer, Tom Wolfe e Truman Capote. Este último escreveu “A sangue frio”, onde relata o assassinato de uma família no interior do estado norte-americano do Kansas. O crime realmente aconteceu e Capote usou técnicas literárias para contar toda história. Por isso, seu trabalho chega a ser classificado como “romance de não-ficção”. Também há outra nomenclatura: livro-reportagem.

O livro-reportagem constitui um grande pilar de sustentação para temas fora do eixo tradicional do jornalismo, pois, de acordo com Edvaldo Pereira Lima, em seu livro *Páginas Ampliadas*, apresenta reportagens “com um grau de amplitude superior ao costumeiro” (LIMA, 2004). Por grau de amplitude superior, entenda-se um “sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores” (LIMA, 2004:26).

Com esse preceito de ênfase, pode-se afirmar que em um jornal tradicional não há interesse nem espaço para tal, pois o foco das notícias é direcionado geralmente para matérias de denúncias políticas, econômicas e policiais. O livro-reportagem cobre essa lacuna, pois cumpre a função de universalizar os fatos para a sociedade, mostrando a verdadeira face de um determinado tema. Some-se a isso seu poder de análise, pois sua área de atuação é direcionada para uma especificidade temática.

Sobre os assuntos a serem abordados, pode-se argumentar que:

Seguramente, alguns desses temas não foram alvo de abordagem pela imprensa, ou foram-no de maneira superficial ou pelo menos não tiveram o mesmo enfoque dado pelo livro. Em qualquer um desses casos, o jornalismo ganha no livro uma forma de estender seu poder de comunicação. (LIMA, 2004:82)

Apresentando o livro-reportagem como espelho da realidade, Bulhões (2007) aponta a narratividade e a temporalidade como passos iniciais para a convergência entre jornalismo e literatura. Dentro disso, percebe-se os exemplos de Graciliano Ramos e Euclides da Cunha, que escreveram livros-reportagem sem saber a real dimensão do que estavam fazendo. Eles retrataram (em *Memórias do cárcere* e *Os sertões*, respectivamente) a realidade que viam com um realismo que até então só se via nas páginas dos jornais.

O jornalismo literário faz da realidade seu objeto e da literatura o seu meio de narrar os fatos, podendo ser dividido em três categorias quanto ao emprego de recursos literários: “as puramente de ficção, que tratam dos produtos do imaginário elaborados pelo escritor; as jornalísticas, que se apropriam dos recursos literários apenas para reportar melhor a realidade; e as que mesclam a ficção e o factual” (LIMA, 2004:180).

A partir desta classificação, fica evidente que Ramos e Cunha se enquadram na segunda categoria, porque ambos fizeram relatos considerados jornalísticos, utilizando elementos literários. Essa união entre jornalismo e literatura é decisiva para a escrita de um bom livro reportagem. Saber dosar todas as vertentes textuais pode ser considerado um exercício de alta dificuldade, pois, como os livros de Cunha e Ramos, é necessário, com o auxílio da literatura, explicitar o enredo em um tempo para facilitar a compreensão da narrativa (livro-reportagem) pelo público leitor. É um dos pontos cruciais de uma obra.

Para um melhor entendimento desta importância, pode-se considerar que:

O livro reportagem, não estando, como não está, preso à rotina industrial dos veículos periódicos, tem, o potencial em teoria, para se livrar da captação premida pelo tempo; estando liberto da objetividade reducionista e puramente tecnicista que habitualmente impera na imprensa regular, pode, em tese, experimentar novas

formas de captação, expandir o leque de fontes de consulta, criar novas maneiras de interação entre o repórter e seus entrevistados, munir-se de instrumentos inovadores na observação do real em suas múltiplas complexidades, já que, em princípio, não há necessidade de submeter a um ‘gosto médio’. (LIMA, 2004:106)

Como visto acima, o livro-reportagem foge dos padrões convencionais. Sua apuração e sua coleta de informações podem ser aprofundadas, pois não se tem um *deadline* tão “feroz” quanto o das redações de grandes jornais. O que se pode encontrar é o prazo da editora para a entrega dos originais. Mas esse prazo, obviamente, é muito mais elástico que o comumente exigido nos jornais diários.

Com este prazo maior, o jornalista pode explorar com muito mais profundidade o seu tema e fazer um texto mais leve, mas sem deixar de ser crítico e analítico. Um bom exemplo citado por Bulhões (2007) é o do escritor francês Émile Zola, que, em pleno século XIX, fazia um jornalismo de “imersão”, entrando no mundo do seu objeto de escrita. Para escrever o romance *Nana*, em 1880, Zola visitava cabarés, entrevistava prostitutas e agentes, além de observar, nos mínimos detalhes, os locais e seus freqüentadores.

Porém, uma experiência de Zola pode responder, com maestria, a dois questionamentos de Edvaldo Pereira Lima: “Como, então o livro-reportagem complementa o jornalismo cotidiano, por uma captação diferenciada? De que modo dá continuidade às promissoras possibilidades abertas na pauta mais criativa e abrangente, realizando um trabalho de coleta?” (LIMA, 2004:105).

Zola, para analisar as relações entre capitalismo e socialismo, resolveu escrever sobre a situação dos trabalhadores de uma mina de carvão. Para isso, ficou dois meses trabalhando como mineiro. Após isso, lançou, em 1885, o livro *Germinal*. Nele, Zola conta a rotina de exploração dos empregados na extração de carvão, a promiscuidade nos precários alojamentos, denuncia os baixos salários e as situações de fome e constrangimento vividas por ele, que já estava familiarizado com o meio. Bulhões (2007) considera Zola como um escritor da realidade nua e crua, que retrata todos os fatos, sem tirar-lhes o ar literário.

Nos dias atuais, esse formato de relato converteu-se em sensacionalismo diante das câmeras, explorando este tipo de miséria do ser humano para elevar seus índices de audiência e/ou conseguir mais patrocinadores. Não há mais a análise das causas que levaram àquela situação de infortúnio, como fez o escritor Zola. O que ocorre é o mero assistencialismo sem criticar as razões que levaram a situação até aquele nível de adversidade.

O livro *Germinal*, de Zola, é comentado por Bulhões (2007) como sendo uma referência em termos de livro-reportagem e jornalismo de imersão, ainda que o autor, a

exemplo de Euclides da Cunha e Graciliano Ramos, não tenha tido a dimensão exata do que estava fazendo e nem sabia o conceito deste tipo de prática jornalística. Isso reforça as palavras de Edvaldo P. Lima, ao expor que:

O livro-reportagem, em muitos casos, tem-se revelado um produto de vanguarda na renovação da prática jornalística. A sua costumeira condição de produção, caracterizada pela criatividade aberta do autor em todas as etapas do processo, tem resultado em excelentes experiências que, mais do que tudo, anunciam tanto sua elasticidade atual quanto seu vasto potencial experimental para o futuro. (LIMA, 2004:106)

Ou seja, mesmo que estes renomados autores não soubessem a real nomenclatura do que estavam fazendo, eles influenciaram futuros autores, sendo exemplos de escrita, apuração, entrevista e hierarquização. Eles, à sua maneira, reciclaram o jornalismo, o que também não descarta as idéias do mesmo Lima (2004) ao dizer que um livro-reportagem pode reconstituir o passado através de um texto equivalente ao romance histórico de não-ficção, fazendo um texto minucioso sobre determinado assunto.

## **1.2 – O DESAFIO DE SE ESCREVER SOBRE MAÇONARIA**

A maçonaria sempre instigou a curiosidade de muitas pessoas, apesar de seus membros serem pessoas conhecidas e seus prédios, normalmente grandes, bem localizados e com placas identificadoras ficarem em endereços conhecidos, servindo de referência nas cidades. Todos sabem o dia e a hora da reunião, pois a Loja Maçônica acende todas as suas luzes e o edifício onde funciona fica iluminado e cheio de movimento, manifestando e testemunhando para todos que os maçons estão em reunião.

Sobre o tão comentado segredo maçônico, faz-se necessário dizer que:

A maçonaria é uma sociedade civil registrada no Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas e tem seus estatutos publicados no Órgão Oficial ou em jornais de grande circulação, para conhecimento de todos, tal como as próprias Igrejas fazem quando se organizam. Toda instituição que se preza tem reuniões reservadas só para seus associados, onde são tomadas decisões importantes para depois divulgá-las para o público. (CORRÊA, 2005:92)

Como exemplo, pode-se pensar no Banco Central, onde as medidas são estudadas, sigilosamente, antes de entrarem em vigor. Se todas as medidas fossem divulgadas antes da hora apropriada, haveria um caos econômico. Geralmente, quando isso ocorre é por conta de vazamentos de informações e as medidas propostas não vingam. Da mesma forma, a

maçonaria estuda suas medidas nas reuniões fechadas apenas para membros e depois as executam na sociedade.

Porém, em algumas Lojas Maçônicas, mesmo quando as decisões internas já foram transformadas em atos concretos para a sociedade, não há relatos externos sobre o que foi feito. Como exemplo, podemos citar o Ginásio Ipanemense, fundado pela Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen, de Ipanema. Na cidade, em meados da década de 1960, havia somente um colégio particular. Ou seja, quem não tivesse dinheiro para pagar, não estudava. Preocupados com a educação da juventude ipanemense, os maçons do município decidiram fundar uma escola gratuita. Tempos depois, com a chegada da rede pública estadual de ensino, o Ginásio Ipanemense teve seu fim.

Porém, o fim do educandário não deveria “matar” toda sua história. Muitas pessoas, hoje conhecidas na cidade (inclusive maçons), estudaram lá. Mas a população mais jovem sequer sabe que a maçonaria local já fundou e financiou uma escola em Ipanema. Talvez até mesmo alguns maçons iniciados mais recentemente não saibam. Isso deveria fazer com que se despertasse na sociedade o saudável desejo de se conhecer verdadeiramente a maçonaria e não somente inteirar-se de boatos, lendas e credices populares. Contudo, devemos saber de antemão que:

Estudar a trajetória da maçonaria é se deparar com um duplo desafio: em primeiro lugar, apesar dos avanços notáveis ocorridos nos últimos anos, a história da maçonaria continua praticamente desconhecida, tanto no Brasil quanto fora dele, e, em segundo lugar, trata-se de enfrentar o problema da acessibilidade às fontes de pesquisa. O fato de a maçonaria ser uma instituição fechada, de caráter iniciático, faz com que seus arquivos não sejam franqueados àqueles que não pertencem à Ordem. Embora tal premissa não seja válida para outras realidades, como a francesa, por exemplo, essa ainda é uma orientação seguida pelos maçons brasileiros, o que, de certa forma, dificulta, mas não impede que surjam trabalhos de pesquisa extremamente importantes para a compreensão do papel dessa instituição na vida política e cultural do Brasil. (BARATA, 2006:21)

Tais dificuldades estão diminuindo com o passar dos anos. Várias Lojas Maçônicas estão com páginas na Internet, o que facilita seu contato com o mundo exterior. Por exemplo: ao se folhear os relatórios internos da Loja Maçônica ipanemense, emitidos entre 1943 e 1965, percebemos que várias ações sociais foram feitas no período, mas nenhuma teve divulgação merecida. Nesse caso, por exemplo, a falta de bibliografia externa, faz com que sejam escassas as referências sobre maçonaria.

Tomando como base que, atualmente, “a investigação e o estudo dos fenômenos maçônicos têm trazido à luz numerosos conhecimentos que se encontravam ocultos”



(CRAVO, 2003:3), vê-se no livro-reportagem uma nova maneira de se escrever sobre a Loja Maçônica ipanemense.

## **2 – METODOLOGIA**

Para a execução deste projeto, usamos o artifício da entrevista em profundidade com fontes pré-selecionadas e outras que surgiram no decorrer do processo. Também foi feito um levantamento bibliográfico nos arquivos da Loja, em livros relacionados à prática do livro-reportagem e literaturas maçônicas, visando a confecção de fundamentação teórica e para melhorar a escrita do livro. Essas metodologias começaram a ser executadas ainda no primeiro semestre de 2009, pois visitei a cidade três vezes: em dois feriados (Páscoa e Dia do Trabalho) e durante as férias. Nestas ocasiões, pude fotocopiar livros e conversar com a diretoria da Loja.

Por se tratar de um trabalho jornalístico que foge das temáticas tradicionais, todo processo foi guiado por técnicas como: seleção criteriosa, apuração diferenciada (mais longa e detalhada), jornalismo de imersão, e hierarquização das informações. O texto permeado pela leveza do jornalismo literário.

A seleção das fontes foi um processo rigoroso, pois a Loja conta com 32 maçons regulares, mas nem todos sabem contar as reminiscências maçônicas da cidade, então direcionei meus contatos para os maçons que conheço há mais tempo e que já foram presidente da Loja, como Celso Almeida Corrêa e Paulo de Godoi Pereira.

A apuração foi um ponto-chave da obra, pois pude viajar para Belo Horizonte e Juiz de Fora a fim de entrevistar maçons mais idosos. O longo tempo de checagem também foi um diferencial, pois, da idéia inicial do livro até sua impressão, foram decorridos quase oito meses. Com esse tempo mais elástico, apontado por Lima (2004) como outro diferencial positivo, pude praticar o jornalismo de imersão, investigando profundamente os fatos, lendo documentos antigos e até me imaginando dentro de uma reunião na década de 1940.

A hierarquização das informações foi outro fator metodológico importante, pois não é uma tarefa simples compilar mais de 60 anos de existência de qualquer organização. Por esta razão, optamos por relatar o lado social da maçonaria ipanemense. Com essa postura, hierarquizamos as atitudes filantrópicas mais relevantes de nosso objeto de estudo.

### **2.1 – PRÉ-PRODUÇÃO**

Durante esta fase, procuramos ler as bibliografias relacionadas ao jornalismo literário, Maçonaria e Ipanema. Sobre o jornalismo literário, destacamos o livro *Páginas Ampliadas*, de

Edvaldo P. Lima, que aborda todo o processo de construção do livro-reportagem, trazendo valiosos exemplos.

Para falar sobre a Maçonaria, foi de extrema importância a leitura do livro *Ensaio sobre a evolução da Maçonaria em Minas Gerais*, publicado pelo Grande Oriente do Estado de Minas Gerais, um dos órgãos gestores da ordem maçônica em nosso estado. O livro traz um panorama da Maçonaria no Brasil e em Minas, com todas as datas e nomes de pessoas que ajudaram na edificação da instituição.

A cidade de Ipanema não tem um livro onde podemos ler toda sua história. Mas para nos auxiliar nesta tarefa, fomos ao *Recanto Histórico e Cultural “Maestro Jésus Schittini”*, em Ipanema. Este museu particular é situado na casa do cidadão Rômulo César Martins de Laia e recebeu este nome em homenagem ao seu amigo maestro, que também foi Venerável Mestre (presidente) da Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen na década de 1950. Por lá, pudemos encontrar fotos antigas da cidade, pertencentes do século XIX, quando Ipanema começava a ser povoada. Também foi de fundamental a prestação do proprietário Rômulo em nos ceder alguns materiais para serem fotocopiados, a exemplo do Hino do Ginásio Ipanemense, que nem a própria Loja possuía cópia.

Em seguida, fomos à uma reunião da Loja, onde comunicamos aos maçons de Ipanema a nossa intenção com o trabalho e que precisaríamos do apoio de todos para que tudo corresse bem. Em votação, o projeto foi aprovado por unanimidade e a secretaria, juntamente com seus arquivos, foi colocada à nossa disposição. No dia seguinte, fomos, com o bibliotecário da Loja, Adil Pereira, procurar por atas antigas e outras possíveis recordações de tempos remotos. Encontramos a primeira ata da Loja, uma relíquia.

Mas sabemos que a Loja ipanemense foi fundada pela maçonaria mutuense. Por isso, não podíamos deixar de ir àquela cidade. Conversamos com o ex-presidente da Loja Maçônica “União Mutuense 17 de Maio” e ele nos autorizou a procurar nos arquivos qualquer artefato relacionado à Ipanema. Para nos ajudar, destacou os maçons Balbino José da Silva e Valdemir Inácio Pinto. Buscando por informações, descobrimos fatos muito interessantes, como: 14 dos maçons fundadores foram iniciados em Mutum; dois dos fundadores da Loja ipanemense em 1943 também foram fundadores da Loja mutuense em 1930; os maçons iam a cavalo para Mutum, percorrendo uma distância de mais de 40 km.

Como passo seguinte, sentamo-nos à mesa com o maçom José Maria de Carvalho, ex-presidente da Loja ipanemense, e definimos quais fontes seriam de grande ajuda para o projeto. Concluída esta parte, fomos para as entrevistas, que serviram como forma de apuração.

## **2.2 – PRODUÇÃO**

### **2.2.1 – ENTREVISTAS**

Como primeira entrevista, fomos ao maçom Carlos Augusto Antunes de Souza, filho do primeiro presidente da Loja, Geraldo Alves de Souza. Com uma conversa descontraída, este maçom de 74 anos, contou-nos várias histórias acontecidas com seu pai e seu avô (também fundador), sempre com uma piada e um sorriso nos lábios.

Para nos falar sobre o Ginásio Ipanemense e Guarda Mirim, fomos ao encontro do ex-presidente Paulo de Godoi Pereira. Ele contou-nos que estudou no Ginásio, quando jovem, e relatou-nos alguns episódios acontecidos naquela época. Como também foi presidente da Guarda Mirim, ele traçou um panorama geral sobre as atividades da instituição.

Sobre a Abidi (Associação Benemerente à Infância Desamparada de Ipanema), conversamos com o pastor José Theodoro da Cunha, o pastor Juca. Ele foi um dos que fundadores da organização, que contou com o apoio das Igrejas Católica e Protestante, além da Maçonaria. Ele rememorou várias passagens significativas.

Para sabermos mais sobre a Fraternidade Feminina da Loja, a associação das esposas dos maçons, tivemos um encontro com Maria Medeiros de Carvalho e Maria das Graças Pereiras, que fazem parte da organização desde a década de 1970. Ficamos sabendo que a Fraternidade foi reconstituída duas vezes e tivemos acesso ao primeiro livro de atas e ao primeiro estatuto social, que datam de 1962.

Para termos mais pontos de vista sobre a Guarda Mirim, que não o dos maçons, conversamos com o primeiro e o atual comandante da instituição. Tenente PM Messias Donizete foi primeiro comandante da Guarda em sua fundação em 1984 e contou-nos sobre as dificuldades iniciais e como foi a aceitação da cidade pela organização. Já o atual comandante, Sargento PM Obedes Câmara, relatou como está a Guarda nos dias de hoje e quais são os seus projetos.

Para conversar sobre a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), fomos à casa de Tereza Faria, umas das fundadoras do movimento em Ipanema no ano 2001. Ela nos expôs como foi o processo de fundação, a formação da primeira diretoria e quais foram os avanços da instituição.

Também foi de fundamental importância encontrarmos o ex-presidente da Loja, Celso Almeida Corrêa, um dos mais antigos maçons regulares na cidade, que conheceu e conviveu

com alguns dos fundadores da Loja. Ele foi o primeiro presidente da Guarda Mirim e também é o atual, esteve presente na época do Ginásio Ipanemense e da Abidi. Obtivemos muitas informações relevantes para a elaboração do projeto.

### **2.2.2 – A VOZ DO POVO NAS RUAS**

As conversas informais que tivemos ao longo do processo também tiveram importante papel na construção do projeto. Falamos com pessoas alheias à maçonaria para sabermos sua opinião, sem dizer que estávamos trabalhando neste projeto. Algumas pessoas chegavam a dizer: “Maçonaria? Deus que me livre! Aquilo é do capeta”. Outras já diziam: “Eu não sei direito o que é, mas sei que eles ajudaram minha vizinha uma vez, quando ela precisava de uma cadeira de rodas”. Uma senhora, que aparentava uns 60 anos, entre um assunto e outro chegou a confidenciar: “Se não fosse essa tal de maçonaria, meu filho não tinha ‘entrado nos eixos’. Essa Guarda Mirim ajuda a gente demais”. Tivemos várias conversas assim, mas se fôssemos gravá-las como as anteriores, talvez as pessoas não tivessem se expressado com tanta naturalidade, pois o gravador poderia intimidá-las.

### **2.2.3 – A HISTÓRIA VIVA DIANTE DOS MEUS OLHOS**

Jamais pensei que um dia pudesse estar frente à frente com algum fundador da Loja. Todas as informações que tinha até o momento eram de que eles se encontram no Oriente Eterno (expressão maçônica para dizer que um maçom faleceu). Durante minha estadia em Ipanema, recebi um telefonema do maçom Paulo de Godoi Pereira informando-me que um dos fundadores estava vivo (e lúcido) em Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira. Senti que não poderia escrever este trabalho sem entrevistá-lo. Procurei o maçom Carlos A. A. de Souza e ele prontamente acionou seus contatos em Juiz de Fora. No outro dia eu já tinha o telefone residencial de José Ottoni de Oliveira, 94 anos, maçom desde 1943, o único fundador ainda vivo da Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen.

Liguei para sua casa, ele mesmo atendeu e disse que eu poderia ir até ele qualquer dia, em qualquer horário. Fui à Juiz de Fora e conversei com ele durante um dia inteiro. Ele nasceu em Coimbra (MG), é viúvo, tem duas filhas (uma nascida em Ipanema) e cinco netos. Era coletor de impostos da Receita Federal (cargo já extinto), devido a isso, já morou em vários estados do país. Foi iniciado na maçonaria em Passos (cidade natal de sua falecida

esposa, Mafalda), mas mudou-se para Ipanema logo em seguida, tendo ajudado em todos os processos iniciais da Loja Maçônica ipanemense.

Foi um dia em que eu pude escutar histórias inesquecíveis, fatos que talvez nem os maçons de Ipanema saibam. Ao final do dia, quando eu ia embora, ele me pediu: “Vê se termina esse livro antes de eu ‘bater as botas’. Porque senão eu vou ficar muito chateado”. E eu respondi: “O senhor vai ler esse e ainda muitos outros livros. Pode ficar tranqüilo”.

#### **2.2.4 – O PROMOTOR DA JUSTIÇA SOCIAL**

Lendo os relatórios internos da Loja, percebi a figura de um homem que ficou em Ipanema durante apenas três anos, de 1962 a 1965, e que teve enorme influência sobre a fundação da Abidi e do Ginásio Ipanemense. Era o promotor de Justiça Reynaldo Lopes.

E também na entrevista com o maçom Carlos A. A. de Souza, foi confirmado que Reynaldo estava vivo em Belo Horizonte, aposentado como Procurador Geral de Justiça. Consegui o telefone dele e marquei uma entrevista para setembro no escritório de seu filho, também maçom e advogado.

Esperava encontrar um homem muito sisudo, daqueles promotores de colocar medo, mas aconteceu o contrário. Recebeu-me muito bem, apesar de não saber nada sobre mim. É normal o fato de eu ser bem recebido por pessoas que conhecem minha família e minha ligação com a maçonaria. Mas ser tão bem recebido por uma pessoa que deixou Ipanema na década de 1960, quando meu avô ainda não era maçom e meu pai era uma criança, foi algo que me surpreendeu. Segundo o maçom Paulo de Godoi Pereira, isto é a “solidariedade maçônica que os homens daquela época guardam até hoje”.

O ex-promotor chegava até a me entrevistar em determinados momentos, querendo saber sobre a atual situação da Loja e da cidade, além de perguntar se eu me lembrava de algumas pessoas do passado de Ipanema. Muito preocupado com as causas sociais da época, procurou congregar vários líderes da cidade com a finalidade de educar e alimentar as crianças carentes de Ipanema. Ele gostou da idéia do livro-reportagem e conversou comigo durante uma tarde inteira sobre a fundação do Ginásio. Sobre a Abidi, não se lembrava muito, mas disse coisas importantes sobre a época.

Um fato interessante é que ele só participou da Maçonaria quando estava em Ipanema. Segundo ele, a união e o clima amistoso entre os irmãos era muito diferente de qualquer outro lugar que ele passou. Ao chegar em Governador Valadares, para onde foi transferido em

dezembro de 1965, procurou uma Loja para frequentar. Porém, não via a mesma empolgação que os maçons ipanemense da época tinham.

### **2.2.5 – ESCRITA**

Tentamos atingir várias classes sociais e fazer do livro uma leitura prazerosa. Para tal, utilizamos alguns recursos literários apontados por Lima (2004), como: diálogos com travessões, construção cena a cena, descrição de perfis físicos e psicológicos, roupas e outros detalhes que pudessem reconstruir a realidade das épocas, situações e pessoas.

O diálogo direto proporciona mais agilidade para o texto fazendo com que a leitura seja facilitada para o leitor, como no início do Capítulo 1 (do livro-reportagem), onde dois personagens conversam sobre a possibilidade de se fundar uma Loja em Ipanema.

Outro fator importante para uma boa leitura é a construção cena a cena, a exemplo da ocasião do almoço inaugural da Abidi no Capítulo 3 (do livro-reportagem). Esse detalhamento visa situar melhor o leitor na situação e estimulá-lo a imaginar o ocorrido de acordo com o que está escrito.

A descrição de perfis também está presente na obra, com destaque para o Capítulo 1 (do livro-reportagem), onde está o perfil de Geraldo Alves de Souza, o primeiro presidente da Loja, considerado pelos maçons ipanemenses como um exemplo de dedicação e bom-humor.

No capítulo 3 (do livro-reportagem), há uma passagem sobre a divisão política da cidade em União Democrática Nacional (UDN) e Partido Social Democrata (PSD) na década de 1960. Através disso, ocorre a reconstrução de uma face daquele tempo, pretendendo contribuir para um melhor entendimento da preocupação dos maçons em fundar a Abidi de forma a não projetar nenhum interesse político ou religioso.

### **2.3 – PÓS-PRODUÇÃO**

A primeira parte da fase de pós-produção foi a revisão, que foi dividida em quatro etapas. No primeiro momento, uma comissão de maçons designada pela Loja, leu o livro e corrigiu erros os maçônicos na escrita, como datas e nomes errados. A segunda etapa foi feita pelo orientador, que apontou erros jornalísticos na obra e mostrou os modos corretos de se reescrever os trechos marcados por ele. A terceira etapa foi a revisão de Língua Portuguesa, feita por Mário Fidelis e colegas de turma, onde ainda foi possível encontrar alguns erros que passaram despercebidos. A última revisão foi feita por mim, que fiz uma última leitura da

obra para observar se tudo estava de acordo com o que eu tinha pensado e checar a harmonia das três revisões anteriores, para que não alterassem o sentido do texto.

A segunda parte da pós-produção foi a diagramação. De início, isto seria feito pela colega de turma Tatiana Duarte, que é membro da “Flor de Acácia”, uma organização paramaçônica para garotas. Mas como ela também está envolvida com seu Trabalho de Conclusão de Curso, preferi não incomodá-la. Então, por minha conta, fiz o projeto gráfico do livro. Nesta parte, colocamos as fotos obtidas durante o processo de apuração. Algumas fotos, por serem de décadas passadas, não possuem uma ótima qualidade, mas pelo caráter histórico, estão no interior da obra.

Com o livro diagramado, fomos até uma gráfica rápida da cidade e imprimimos dez exemplares do livro, para serem distribuídos entre os membros da banca, arquivos do Curso, família, Loja e, claro, um para José Ottoni de Oliveira, único fundador ainda vivo da Libertas Quae Sera Tamen.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se produzir um livro-reportagem, é necessário que nos atentemos aos mínimos detalhes de todo processo de pré-produção, produção e pós-produção. Para tal, viajamos para os mais diferentes lugares e entrevistamos o maior número de pessoas possíveis.

Podemos considerar este trabalho como um jornalismo de imersão. Neste caso, no meio maçônico. Para realizar uma apuração mais precisa e detalhada foi necessário “mergulhar” nos fatos, entrevistas e livros investigados. Nesta prática, nos dispomos a viver mais intensamente uma parte do mundo maçônico para compreender melhor os assuntos abordados, do mesmo modo que o escritor Émile Zola fez no século XIX na Itália.

Experimentar este jornalismo de imersão, na visão de Bulhões (2007), faz com que o leitor também “mergulhe” no fato, tendo acesso a conteúdos em níveis que lhe permitem se aprofundar no tema, de acordo com seu interesse pela área. Também pode ocorrer que um leitor que não seja aficionado no tema, leia, goste e resolva pesquisar sobre o assunto.

Esse empenho do jornalismo de imersão é importantíssimo, porque, nos dias atuais, a velocidade da informação é mais importante que seu conteúdo. Existem repórteres que nem vão às ruas. Simplesmente, fazem apuração por telefone ou Internet e usam imagens de arquivos ou celulares. De acordo com Bulhões (2007), revistas como *Realidade* e *O Cruzeiro*, tinham reportagens e fotos que demoravam meses para ficarem prontas. Ocorria um amadurecimento jornalístico. Nos dias atuais, temos relatos de que a *Playboy* faz algo parecido com isso: em suas entrevistas, vê-se que o repórter acompanhou o entrevistado, às vezes durante meses, para obter dele todas as informações e detalhes possíveis.

Aos próximos jornalistas e pesquisadores de temas maçônicos, podemos aconselhar que para o sucesso de uma pesquisa nesta área é preciso ter contatos dentro da Maçonaria. Se não os tiver, demonstre respeito pela instituição e conhecimento de algumas de suas principais ações. Isso basta para que as portas se abram.

Nós nos dedicamos a “mergulhar” no tema, sem afobação e sem idéias fixas. Fizemos uma verdadeira jornada dentro desse universo complexo e misterioso da maçonaria, tendo a liberdade autoral necessária para fazer um trabalho desta natureza. Foi muito prazeroso viajar para as cidades de Ipanema, Mutum e Juiz de Fora para colher entrevistas e arquivos. O próximo passo é viabilizar a publicação de vários exemplares deste projeto experimental que, acredito, contribuirá para a construção de um novo olhar sobre a Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÇÃO MAÇÔNICA INTERNACIONAL. **Os símbolos maçônicos**. Disponível em: <[http://www.aminternacional.org/maconaria\\_simbolos\\_maconicos.html](http://www.aminternacional.org/maconaria_simbolos_maconicos.html)>. Acesso em: 25 mai. 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520: informação e documentação – citações em documentos – apresentação**. Rio de Janeiro, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação**. Rio de Janeiro, 2002.

BARATA, Alexandre M. **Maçonaria, Sociabilidade e Independência do Brasil (1790 – 1822)**. São Paulo: Annablume, 2006.

BOAS, Sérgio Vilas. **Biografias e biógrafos - jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus Editorial.

BOAS, Sérgio Vilas. **Jornalistas Literários. Narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2007.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CORRÊA, João B. S. **Não somos o que dizem que somos**. Uberlândia: Sincope, 2005.

CRAVO, A. et al. **Ensaio sobre a evolução da maçonaria mineira**. Belo Horizonte: GOEMG, 2003.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

FERREIRA, Carlos R. **Literatura e jornalismo, práticas políticas : discursos e contradiscursos, o novo jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem.** São Paulo: EDUSP, 2004.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário.** São Paulo: Edusp, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** São Paulo: Manole, 2004.

LOJA MAÇÔNICA LIBERTAS QUAE SERA TAMEN. **Relatórios internos emitidos entre 1943 e 1965.** Ipanema, MG.

MENEZES, Fagundes de. **Jornalismo e literatura: ensaio.** Rio de Janeiro: Razão Cultural, 1997.

MONOGRAFIAS BRASIL ESCOLA. **Maçonaria.** Disponível em: <<http://www.monografias.brasilecola.com/religiao/maconaria.htm>>. Acesso em: 25 mai. 2009.

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de Fazer Jornal Diário.** São Paulo: Contexto, 2003.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo: Contexto, 2006.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo Diário: Reflexões, Recomendações, Dicas e Exercícios.** São Paulo: Publifolha, 2009.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, João. B. **História da Loja Charitas II.** Barbacena: Editora Cidade de Barbacena, 2007.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1 – ENTREVISTA 1 – Carlos Augusto Antunes de Souza**, filho do presidente fundador (Geraldo de Alves Souza). É membro ativo da Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen. Dia 15/07/2009. Casa do entrevistado.

**J:** Como eram as viagens para Mutum?

**CS:** Meu pai ia de cavalo para lá.

**J:** O senhor nunca animou de ir a cavalo também?

**CS:** Nem de cavalo nem de jegue.

**J:** Nem de carro?

**CS:** Nem de carro.

**J:** Onde era a reunião da Loja antes de ser onde é hoje?

**CS:** Na casa do meu avô, Francisco Alves de Souza Filho.

**J:** Era casa e cartório ao mesmo tempo?

**CS:** Não. Era só a casa, depois que ele fez o cartório lá.

**J:** E essa mudança de lá para onde ela está hoje, diz a avó que aconteceu de uma noite pra outra, ninguém escutou nada.

**CS:** Verdade, mas é porque o povo só podia juntar de noite mesmo. Agora, o local da Loja foi doado pelo Antônio Isidoro.

**J:** Seu pai era muito amigo do Humberto Soares, de Mutum?

**CS:** De infância. E fizeram faculdade de Direito juntos.

**J:** Quem ia mais a cavalo para Mutum?

**CS:** Orlando e papai eu lembro que iam. Papai andava muito a cavalo.

**J:** Gostava?

**CS:** Gostava não, era necessidade. Ele trabalhava muito em São Geraldo e ia a cavalo. Vovô é que gostava de um cavalo.

**J:** Mas, daquela época da fundação, quem teria condição de falar mais disso aí?

**CS:** Zé Ottoni está vivo em Juiz de Fora. É um dos fundadores. Passo o telefone dele para você. E ele esteve até aqui, há pouco tempo.

**J:** Caramba...

**CS:** O Zé Otoni era um sujeito bom.

**J:** Eu já li que ele veio de Passos? Ele era da Receita.

**CS:** Sei que atualmente ele é advogado e aposentado. Mas não sei o que ele era.

**J:** Era coletor. Morava na praça ali perto do Natan.

**CS:** Ele foi coletor aqui mas depois ele foi pro ?? (31:50) E o pai do Paulinho também era coletor federal.

**J:** Mas daquela época do senhor tem lembranças, fotos ou alguma coisa?

**CS:** Não. Fotos não. Mas eu lembro do Isidoro que doou o terreno para a Loja. Convivi com ele. O Astolfo Ferraz eu conheci. O Orlando também.

**J:** O Astolfo era um cara organizado, sério?

**CS:** Na maçonaria que eu descobri como que ele era... notável. As atas dele eram impecáveis.

**J:** Sobre o Orlando, o que o senhor lembra dele?

**CS:** O Senhor Orlando, lembro!

**J:** Ele era sério também ou não?

**CS:** Ele era sério. Orlando era bom. Simpático. O vovô também era cem por cento. Uma turma boa na maçonaria antigamente.

**J:** Antigamente tinha de especial a união?

**CS:** Tinha. O sujeito era maçom, irmão. Considerava com carinho mesmo. Mais que hoje até. Hoje também tem bons maçons. O Celso, por exemplo, é um grande maçom.

**J:** Tem alguma história engraçada de antigamente?

**CS:** Lacordel é um marceneiro que tinha aqui na Loja. Tem até uma passagem dele com o vovô. Ele estava trabalhando de marceneiro e estava pregando o forro da Loja. O Lacordel toda vida foi muito mole. Mole para trabalhar. De uma preguiça danada. E vovô chegou na Loja e o Lacordel estava pregando forro e disse: *Ó Lacordel, você está demorando demais. Quando que você vai terminar esse forro?* E ele falou: *Quando acabar!*

**J:** Pois é. O Senhor Quito mesmo morava aonde?

**CS:** Numa casa anexa. Tinha maçom muito bom aqui na época. O doutor Reynaldo Lopes.

**J:** Que ajudou no Ginásio Ipanemense! Eu dei uma lida. Eu vou falar do ginásio também.

**CS:** O Reynaldo era bom orador. Fazia os melhores discursos na época. Tá vivo lá em BH também.

**J:** Vou procurar conversar com ele também. O senhor tem o telefone dele?

**CS:** Tenho. Amanhã te passo junto com o do Zé Ottoni.

---

**ANEXO 2 – ENTREVISTA 2 – Celso Almeida Corrêa**, ex-presidente da Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen. Já exerceu a presidência por várias vezes e participou da fundação da Guarda Mirim, Apae e DeMolay. É um dos membros mais respeitados dentro da Loja e, em uma de suas gestões, ajudou na construção dos prédios da Loja. Dia 16/07/2009. Casa do entrevistado.

**J:** Do Ginásio o senhor lembra como é que era o funcionamento, das figuras do ginásio igual ao Dr. Reynaldo, Luiz de Barros? O senhor chegou a ter contato?

**CAC:** Não. Nessa época, quando da fundação do Ginásio, me parece que eu não tinha me filiado ainda. E foi em 79 que eu cheguei. Mas eu cheguei a trabalhar ainda com o Dr. Geraldo como diretor. Depois que eu entrei para a Loja, eu ajudei na secretaria, na tesouraria do Ginásio Ipanemense. Algum tempo ajudei na tesouraria. Assinando cheque, aquela coisa toda. Porque a Loja participava ativamente, a diretoria da Loja, os irmãos trabalhavam. Eram muitos irmãos professores.

**J:** E como o Ginásio acabou. Porque o “Coronel Calháu” passou a contar com quinta a oitava e perdeu a necessidade?

**CAC:** É. Perdeu. O Estado assumiu todos os educandários daquela época. Foi feito um movimento do Estado. Transformou algumas particulares em Estaduais. O Imaculada foi transformado. E os professores passaram a receber os rendimentos do Estado.

**J:** E os alunos do Ginásio Ipanemense da Maçonaria?

**CAC:** Foi incorporado ao Imaculada. Toda documentação foi transferida para lá.

**J:** E ele chegou a ser chamado de Escola Francisco Alves Souza Filho?

**CAC:** Isso aí não tenho certeza. Essa parte tem que confirmar com outro.

**J:** Mas o senhor se recorda do Ginásio, como era o clima lá dentro? Era uma escola normal ou, por ser da maçonaria, tinha que ser mais rígida? Como era o funcionamento?

**CAC:** O funcionamento era normal. O professorado, aqueles que eram maçons professores, lecionavam gratuitamente. Os demais professores recebiam. O clima era normal. Existia o chefe de disciplina que funcionou por muitos anos que era o nosso irmão Gerson Alves Pereira. Funcionou muito tempo. O Gerson era filho do Senhor Orlando. Ele conduzia muito bem a parte disciplinada. Era brincalhão e tinha muita amizade com os alunos. Era um verdadeiro líder. Ele contava piada, fazia mágica. Foi muito bom o movimento do Ginásio. Chegamos a ter presença aqui até, na época, de um dos maiores palhaços que foi o Carequinha que era maçom. Ele morreu, mas eu vi uma entrevista dele antes de morrer. Era um maçom ativo. Não sei se veio de graça.

**J:** E a Guarda Mirim? Como é que começou na Loja?

**CAC:** Foi em 85.

**J:** E a Loja recebeu a proposta. Viu que era uma proposta boa. Como foi?

**CAC:** Isso, na época, o Genuíno que era o prefeito. E o Dr. Francisco que era maçom freqüente, já havia fundado uma Guarda Mirim em outros locais ou ele tinha noção de como funcionava em outros lugares e ele sugeriu ao prefeito que reunisse as lideranças da comunidade para falar sobre uma Guarda Mirim e uma possibilidade de fundá-la em Ipanema. Daí ele pediu ao prefeito e nos reunimos no Fórum. Naquela época o Zé Maria compareceu como presidente da Abidi, que já existia. Tinha Pastor Juca, lembro dele. Estava o Genuíno, estava eu, não sei se estava o Dr. Geraldo. Era uma equipe grande. Acho que o Padre Elpides estava na época. Só sei que reunimos lá no Fórum e foi dado o pontapé inicial naquela ocasião. Eu até tenho o histórico guardado. Fiz um histórico da Guarda Mirim até mil novecentos e noventa e pouco. A passagem, quantos guardas começaram. Quem dirigiu, a polícia militar. Então, foi fundada dessa forma. O juiz de Direito da ocasião foi quem deu o pontapé inicial e nós abraçamos aquela causa. E Zé Maria assumiu a presidência da Guarda e



ela foi desenvolvendo e está aí até hoje. E sempre com a ajuda do Judiciário e da Polícia Militar. Sempre nós tivemos ajuda deles. Principalmente da Polícia Militar. Toda vida foi comandada por um militar.

**J:** E teve alguma dificuldade assim de início? Achou que não ia fundar?

**CAC:** Teve a dificuldade que começou com um número muito reduzido de crianças. Até ela apanhar um rumo teve dificuldade. Começou com meia dúzia ou dez crianças. E foi capengando e na época foi um sargento que estava comandando, mas começou e não parou. Deu continuidade. Depois, mais para frente que foi o Gegê. Mas o sargento ficou muitos anos.

**J:** E teve um que morreu, o Cabo Chiquinho...

**CAC:** É. O Cabo Chiquinho.

**J:** Ele morreu e deu uma comoção geral na cidade. Ele era muito bom.

**CAC:** Foi. Ele foi um bom administrador lá na Guarda. Os meninos gostavam muito dele. Ele era um líder. E a vantagem disso tudo era que na Guarda... A administração, a presidência e os policiais comandando são todos voluntários. Não existe uma remuneração. Não existe interesse nenhum. A gente tem dado uma sorte de dentro da PM que existam pessoas que tem o dom de ajudar a comunidade. No caso, por exemplo, ajudar as crianças. A pessoa tem que ter aptidão para a coisa. E temos dado sorte porque sempre existiu um para ajudar. Porque fundar uma instituição é coisa fácil. Agora, manter num tempo desses, conseguir levar isso esse tempo todo... Estamos com 24 anos de funcionamento ininterrupto. Isso é muita dedicação mesmo e a coisa funciona porque temos essas pessoas voluntárias que se dedicam a ver a coisa funcionando e ajudar a comunidade. Ajudar as famílias.

**J:** Tem um período que o senhor vê como período de ouro da Guarda Mirim em Ipanema? Onde o senhor via melhor disciplina. Maior brilho no olho dos meninos. Esse tipo de coisa...

**CAC:** Realmente, no comando do Gegê ela teve muito bem, muito respeitada. A gente praticava esporte, tinha futebol, tinha encontro da Guarda Mirim da região. A gente fazia esses movimentos. Não desmerecendo os que passaram. Os anteriores e posteriores a Gegê.

Não desmerece. Mas na época parece que existia mais vontade das crianças e do comandante. E a gente tinha mais tempo dedicado para passeios. Viajamos para Vitória várias vezes. Acho que no período que ele administrou a guarda foi muito bom. Depois veio o Chiquinho que também teve um movimento muito bom, mas, não tanto quanto na época dele.

**J:** E tem algum caso de retorno de alguém que foi guardinha um dia e encontrou o senhor na rua, já estava mais velho, com família, agradeceu e comentou alguma coisa que chamou sua atenção?

**CAC:** Existem vários guardas que, se você perguntar, agradecem por ter participado da Guarda Mirim e pela Guarda Mirim ter conseguido tornar-se um cidadão honesto e conseguido melhorar de vida, conseguiu se formar, estudar. Outros conseguiram se formar em empresas. Outros foram para PM, são oficiais da Polícia Militar. Pode perguntar a várias crianças que passaram por lá e que deram testemunhos em outras ocasiões quando nós fizemos na época de formatura dos recrutas, quando passam a guardinha. Então tivemos ocasião em que guardas anteriores que já haviam abandonado e que estavam trabalhando, foram dar testemunhos lá de que a Guarda valeu muito para a vida deles. Temos inúmeros. Isso mexe comigo porque estamos atingindo o objetivo principal que é esse. Que é a formação moral e intelectual do indivíduo e que também é direcionando essa criança a ter uma profissão na vida. Diferente daquela, talvez, que seus pais exercem. Então, através do contato dele com outras pessoas, com outras famílias, fora do ambiente do trabalho do pai que às vezes é roceiro, lavrador, que mora na roça, ou que é funcionário público não graduado. Pessoas simples. Então esse menino sai do seio da família dele vai ver o funcionamento de outras coisas. De negócios. Tivemos oportunidade e mostrar para esses meninos, quando fizemos as viagens a Vitória, fomos ao aeroporto, fomos ao Cais do Porto. Fomos a shopping, fomos ao convento. Então eles tiveram oportunidade de ver mais à frente do que se ele estivesse na casa dele e não teria aquela oportunidade de ver que havia outras coisas na vida. Outros empregos, outras grandes empresas. Então nosso objetivo da Guarda Mirim é esse. Mostrar à criança um mundo diferente daquele dele. Tudo dentro de uma disciplina rígida, severa e tendo de obedecer fielmente ao seu comando porque se não ele não continua lá. E também manter ele na escola e tem que ter as melhores notas e tem que passar de ano. Não pode “tomar pau”. Se “tomar pau” ele está excluído da Guarda. Isso aí ele não tem “colher de chá”. Ele tem que ser um bom aluno. Tem que ser um exemplo na sociedade. E isso nós temos conseguido. Não é cem por cento, mas uma grande porcentagem nós conseguimos colocar trabalhando. E a

criança, através daquele salário, daquela importância de ajuda de custo, fica motivado a obedecer e a trabalhar. E seguir uma profissão.

**J:** A Apae também surgiu dentro da Loja?

**CAC:** É. Surgiu dentro da Loja. A primeira diretoria funcionou com a Loja Maçônica de Ipanema. Era diretoria da Apae. Então, a Apae nós tivemos influência, sim, na fundação dela. A primeira diretoria foi tirada dentro da Loja. E depois ela foi crescendo.

**J:** Antigamente, a Fraternidade Feminina existia?

**CAC:** Não era Fraternidade Feminina. Era chamada “Casa da Fraternidade”. A participação das mulheres na ajuda a asilo, Abidi, eram constantes. Elas faziam o Natal do Menor, dos meninos carentes. Todo ano elas faziam. Viajavam para comprar coisas. Eu lembro que a Ana trabalhava junto com a Dona Lora, mulher do João Agostinho, na época. Eu era o Venerável. Lembro que elas trabalhavam muito.

**J:** Antes da década de 1970 o senhor lembra?

**CAC:** Não. Existia uma coisa, na Casa da Fraternidade... Não sei quem vai poder te informar...

**J:** Queria saber como é que foi na Loja. Como é que foi o impacto de quando a ala feminina começou a atuar. Quando o senhor foi percebendo que ela estava atuando, como é que foi isso? O que a Loja sentiu com as mulheres trabalhando? Já teve alguém que disse ser contra esse negócio de mulher ficar integrada nesse tipo de coisa?

**CAC:** Não. Toda vida nós apoiamos e quem não tem uma ala feminina, não é uma Loja completa. Porque a mulher tem que integrar a ala social da maçonaria porque ela ajuda a divulgar o nome da maçonaria e ela também ajuda em uma das finalidades que é praticar a beneficência. Então, a ala feminina ajuda nesse setor. Sempre falo que é de muita importância e de muito valor. Toda Loja tem que ter. Muitas não têm, como a nossa, que ficou muitos anos sem ter. Mas depois que foi criada a Casa da Fraternidade é que sentiu o valor daquilo. Porque não era divulgada antigamente. Nem o Grande Oriente do Brasil dava muita atenção à

ala feminina. Existiam nos papéis, nos regulamentos, mas nunca se deu tanto valor. Agora não. Na década de 1990 pra cá é que funcionou melhor.

**J:** E a Abidi?

**CAC:** Quando nós entregamos, o Venerável da época, não consigo me lembrar quem, resolveu entregar a direção da Abidi para profanos, pessoas comuns. Para algumas pastorais da Igreja Católica, que estavam reivindicando. A administração da Abidi funcionava bem e entregamos. É aonde ela veio a acabar. Não sei quantos anos durou depois que a gente entregou, até fechar.

**J:** A igreja pediu para a maçonaria entregar a Abidi para ela? Teve uma época que só a maçonaria sustentava a Abidi?

**CAC:** Muitos anos. Os dirigentes da Abidi eram só maçons. Passava de um para o outro.

**J:** Porque ela tinha começado como um agrupamento de todos os movimentos da cidade. Depois só a Loja assumiu?

**CAC:** Porque nessas igrejas você não vê movimento. Por exemplo, de evangélicos a não ser esse asilo que montaram, você não vê movimento de ajuda à comunidade. Muito raro.

**J:** O senhor já tinha ouvido falar do DeMolay antes da fundação aqui em Ipanema?

**CAC:** Não. Eu já havia falar da APJ. Dela eu tinha noção. A DeMolay eu passei a conhecer aqui.

**J:** Estou pensando em ir a Belo Horizonte para conversar com o Doutor Reynaldo. Ele está vivo. Está lúcido. Porque ele esteve na Abidi e no Ginásio. O senhor chegou a conhecê-lo?

**CAC:** Conheço. Ele esteve aqui. Há alguns anos atrás ele esteve aqui. É um homem muito bacana. No aniversário da Loja, ele veio, participou.

**J:** E eu estava também pensando em conversar com o Zé Ottoni. Há pouco tempo ele esteve aqui. Ele está em Juiz de Fora. O Tio Juca falou que encontrou com ele no velório do Betinho. E dizem que ele está lúcido também.

**CAC:** É muito bom. E ele é um papo agradável. Tanto o Doutor Reynaldo quanto o Zé Ottoni.

---

**ANEXO 3 – ENTREVISTA 3 – José Ottoni de Oliveira**, 94 anos, maçom desde 1943, residente em Juiz de Fora/MG e único fundador ainda vivo da Loja Maçônica Libertas Quae Sera Tamen. Dia 16/08/2009. Casa do entrevistado.

**J:** Quando o senhor chegou a Ipanema, já era maçom?

**JO:** De Passos. Eu fui iniciado em Passos.

**J:** O senhor iniciou quando em Passos?

**JO:** Estava no princípio. Era companheiro. Fui exaltado a mestre em Ipanema.

**J:** Porque eu fui lá em Mutum também conferir. Em Mutum que foi a Loja-mãe e estava lá nos arquivos que o Doutor Geraldo tinha sido iniciado em 41.

**JO:** Geraldo Alves de Souza.

**J:** Aí conversei também com os parentes do senhor Orlando, que era o Orlando Alves Pereira. Eu não tenho informação do José Alves Carrijo. Foi o segundo vigilante.

**JO:** O Carrijo foi da minha época, foi vigilante sim.

**J:** A gente não tem muita informação porque parece que ele mudou muito rápido de Ipanema. O senhor lembra alguma coisa do Carrijo?

**JO:** Era branco e alto. Foi pouco tempo que ele ficou lá. Quando eu cheguei.

**J:** Porque ele foi fundador da Loja de Mutum em 1930 e, em 1943 ele fundou a Loja de Ipanema. Ele fundou as duas Lojas junto com Aguinaldo Moura.

**JO:** Aguinaldo Moura! Tem tanto tempo.

**J:** Mas esse processo de fundação, juntou uns 33 maçons que havia lá na época, em Ipanema, e fundaram a Loja.

**JO:** Mas não tinham 33 maçons.

**J:** Mas é o que está lá no quadro oficial, na assinatura.

**JO:** É oficial, né?

**J:** Porque lá no quadro tem 33, né? Na reunião, que foi a fundação, na primeira reunião, 28 de Maio de 43, tinham, acho que, trinta presentes e depois três assinaram. Antes de instalar.

**JO:** Então eu sou um dos três. Deve ser.

**J:** Que assinou depois, antes de instalar.

**JO:** Deve ter sido um desses três.

**J:** Mas o senhor...

**JO:** É que isso é tão antigo.

**J:** Mas o senhor lembra daquela primeira sede da Loja que era no Ipanemense Futebol Clube, no salão de festas?

**JO:** No Ipanemense não. Quando eu fui para lá já tinha sede. Era na casa do Sô Quito.

**J:** Aí quando o senhor tava em Ipanema, o senhor chegou lá antes de 1943...

**JO:** Bom... eu sou dos fundadores da loja... Mas quando eu cheguei lá... fiquei como fundador. Eu sou fundador sem ter sido fundador. A verdade é essa. Quando eu cheguei me homenagearam lá. Aí eu fiquei sendo fundador também.

**J:** Então o senhor chegou lá já tinha a loja?

**JO:** Já tinha a loja.

**J:** Achei que o senhor tinha chegado lá antes.

**JO:** Não. Já tinha a loja. Ela tava recente...

**J:** O senhor ainda frequenta a loja ou parou já?

**JO:** De vez em quando eu vou aqui em Juiz de Fora.

**J:** Mas o senhor chegou a pegar aquele processo de arrecadar dinheiro para construção do templo? Da sede própria?

**JO:** Cheguei sim.

**J:** O senhor lembra como é que foi?

**JO:** Não foi uma campanha aberta não. Foi restrita, entre a gente.

**J:** Só entre os membros da Loja?

**JO:** É. Membros da loja, vizinhos ali... Mutum, Manhuaçu, que eram mais antigas também ajudavam no que podiam.

**J:** O senhor lembra daquele tempo das primeiras reuniões? Quais eram as dificuldades assim do início?

**JO:** Ah... Dificuldade não havia. A Loja funcionada regularmente. Não tinha dificuldade não.

**J:** O senhor escutava a história dos maçons do tipo do Dr. Geraldo, do Senhor Orlando?

**JO:** Geraldo foi muito meu amigo. É do meu tempo. O pai dele, o Senhor Quito também era lá da Loja.

**J:** Mas o senhor lembra das histórias que eles contavam de ir a Mutum a cavalo para assistir reunião?

**JO:** Eu sei disso. Mas eu não fui.

**J:** O senhor não foi?

**JO:** Eu não fui. Eu não cheguei a ir a Mutum para assistir. Quando eu cheguei lá a Loja já funcionava.

**J:** O que eles contavam para o senhor sobre essas viagens a cavalo? Como é que elas eram?

**JO:** Não é muito perto não. Não é pertinho não. Um colega que trabalhou lá comigo até contava que era até divertido o negócio.

**J:** Mas esse processo de fundação... Como é que foi surgindo a idéia de fundação da Loja? O senhor lembra o que o pessoal contou para o senhor, como é que surgiu essa idéia de fundar a Loja?

**JO:** Acho que a idéia já era de muito tempo. Já existia essa idéia antes... Os pioneiros lá... Eu fiquei também.

**J:** O senhor ficou muito tempo lá em Ipanema?

**JO:** Uns sete ou oito anos.



**J:** A gente fala em 30 ou 33 da fundação, mas, teve gente de Mutum que assinou. Gente de Manhauçu. Gente de Caratinga.

**JO:** Tinha muita gente de fora. De outros Orientes.

**J:** Mas aqueles que eram de Ipanema mesmo deviam ser uns quinze homens.

**JO:** De Ipanema, talvez menos.

**J:** Mas o senhor lembra de alguma campanha, depois que o senhor chegou. Porque quando o senhor chegou a Loja estava engatinhando...

**JO:** Mas estava funcionando já. A Loja funcionava quando eu cheguei. Eu sou fundador, mas a Loja já estava funcionando.

**J:** Eu entendi. Mas estou falando assim... naquele tempo que o senhor chegou, a Loja já funcionava.

**JO:** Precariamente, mas funcionava.

**J:** Mas o senhor lembra de alguma coisa, depois que o senhor chegou, que marcou? Alguma campanha que foi feita? Alguma atitude da Loja? Alguma beneficência?

**JO:** Que houve, houve. Mas não me ocorre agora não. Isso é tão remoto...

**J:** Entendi. Daquele pessoal da Loja o senhor chegou a conhecer o senhor Astolfo Ferraz, que tinha uma gráfica?

**JO:** Conheci.

**J:** Como maçom ou antes de ser maçom? Porque ele iniciou depois. E me disseram que ele era uma pessoa organizada.

**JO:** É. Eu acho que presenciei a iniciação dele sim. Foi depois.

**J:** O doutor Reynaldo Lopes o senhor chegou a conhecer?

**JO:** É gente boa!

**J:** O prefeito que teve depois, o José Dias, era da Loja também...

**JO:** O José Dias não era do meu tempo não. É de muito depois.

**J:** As reuniões davam uns vinte membros?

**JO:** Mais ou menos.

**J:** O Ginásio Ipanemense que a Loja patrocinava, o senhor chegou a...

**JO:** O Ginásio Ipanemense eu ajudei a criar! Aliás, eu lutei pelo ginásio.

**J:** O que o senhor lembra da fundação?

**JO:** Na época eu era coletor federal e quem entendia mais ou menos da coisa era eu. Ninguém entendia nada. Mas eu ajudei.

**J:** Do ginásio eu tenho até aqui a primeira ata.

**JO:** Eu não devo estar na ata não, mas eu ajudei a fundar o ginásio.

**J:** Como é que o senhor lembra assim da necessidade do ginásio? Como é que o senhor lembra?

**JO:** Era curso primário. Eu achava que tinha que ter ginásio há muito mais tempo. Mas, teve bom.

**J:** E quem ajudava o senhor mais nessa empreitada do ginásio?

**JO:** Ah, não sei. Nome? Nós éramos poucos, mas não me lembro de nome não. O entusiasta era o Reynaldo e o Geraldo. O Geraldo Alves de Souza. O pai dele também.

**J:** Porque o pessoal fala que o ginásio foi a grande obra da Loja, que marcou época.

**JO:** A Loja trabalhou!

**J:** E a Abidi? O senhor lembra quando juntou a Loja, as igrejas, para fundar a Associação Benemerente à Infância Desamparada de Ipanema?

**JO:** Não me lembro. Pode até ter sido da minha época, mas não me lembro.

**J:** Como é que o senhor lembra do Doutor Geraldo Alves de Souza. Como ele era? A personalidade dele.

**JO:** Bom irmão. Bom amigo. Nessa época, acho que o advogado era ele. Militante era ele.

**J:** Ele tinha um colega também em Mutum, o doutor Humberto, advogado lá. Foi Venerável em Mutum. Fundador da Loja também.

**JO:** Não conheci. O que trabalhava comigo, ia a cavalo. Naquela época. O Gualter que trabalhou comigo. O Walter foi a cavalo, até. Acho que é bem distante. Quase quarenta quilômetros.

**J:** Até hoje não asfaltaram.

**JO:** Que coisa! Já era para terem asfaltado. Ali é uma região que produz muito café e cereais. O Gualter era lá de Passos. O pai dele era português. Gualter era conterrâneo de minha mulher. Eu sou de Coimbra. Lugar pequeno, perto de Viçosa. Ninguém me conhece lá não. Saí de lá era menino. Ninguém me conhece. Estudei em Viçosa. No Colégio Viçosa. Estudei e formei em Agronomia. E sou advogado. Tenho bacharel em Direito. Não estou advogando, mas sou inscrito na Ordem. Em Direito me formei aqui em Juiz de Fora.

**J:** O Gualter iniciou lá em Mutum. A maioria de Ipanema iniciou lá em Mutum.

**JO:** É. Era mais fácil.

**J:** Só o pai do doutor Geraldo que era iniciado lá em Manhauçu.

**JO:** Tem o Luiz Alves também, irmão do senhor Quito.

**J:** O Luiz Alves?

**JO:** Ele tinha uma fazenda perto de Ipanema.

**J:** Porque eles falaram que paravam lá para descansar às vezes.

**JO:** Então era a fazenda dele.

**J:** Conheceu Nelson Figueiredo Guimarães?

**JO:** Nelson era meu vizinho. Nelson era do IBGE.

**J:** Dá uma olhada na Identidade Maçônica do senhor Quito. Peguei com o filho do doutor Geraldo, Carlos Augusto Antunes de Souza. O pessoal fala “Carlim Babão”.

**JO:** Iniciou em 1917, hein? Era um grande irmão. Ele já era maçom e eu era menino de colo ainda.

**J:** O Senhor iniciou lá em Passos na “Deus Universo e Virtude”. Como é que surgiu o convite para o senhor entrar para a Loja?

**JO:** Em pouco tempo que estava lá já fui iniciado. Eu era do Ministério da Agricultura. E fui trabalhar em Passos. Em pouco tempo que eu cheguei lá, já fui iniciado.

---

**ANEXO 4 – ENTREVISTA 4 – José Theodoro da Cunha**, pastor da Igreja Assembléia de Deus. Esteve presente na instalação da Abidi, em parceria com a Loja. Dia 17/07/2009. Escritório da Igreja Assembléia de Deus.

**J:** O que o senhor lembra da Abidi?

**JTC:** Foi criada exatamente numa circunstância que estava passando na cidade uma meninada na rua pedindo o que comer, chegava 10 horas da noite, aí nas casas tudo era assim, era um movimento tremendo, então quando é que o promotor Reynaldo resolveu montar essa instituição, pra tirar o menino da rua. Aí passou. Quando botou pra abrir lá, a menina que saía pedindo o que comer na rua foi pra lá.

**J:** Ela acabou agora. Acho que ela tava sendo administrada pela maçonaria e depois as pastorais da igreja católica queriam tomar conta. Aí acabou. Enquanto ela tava unida com todo mundo, ou só com a maçonaria, funcionava bem.

**JTC:** É. Foi uma organização muito boa. Foi uma limpeza, tirou aquela mancha que tinha na cidade. Pra você ver: chegavam de 4 a 5 meninos pedindo comida. Isso era assim, todo dia.

**J:** Todo dia?

**JTC:** É. Então é uma mancha. Se chegava uma pessoa de fora de uma cidade aí... Então foi o que motivou a criação da Abidi. Então daí que saiu toda meninada. Eles tinham comida.

**J:** E era café da manhã, almoço e janta?

**JTC:** Era. Primeiro era onde funcionava, antigamente, o quartel do Tiro de Guerra. Depois foi para rua Antônio Carlos.

**J:** Como é que o Padre Elpides falava da Abidi? Dizem que era até engraçado...

**JTC:** É que não tinha catyinga lá. Aqui não tem catyinga de política nem cheiro de Religião.

**J:** Que ele queria uma coisa isenta também?

**JTC:** Nada que tivesse influência.

**J:** E como é que era a participação? Todo mundo junto mesmo?

**JTC:** Tudo junto. Tinha reunião. Tinha tudo. Era uma coisa bem organizada.

**J:** O senhor acha que é difícil fazer isso hoje em dia?

**JTC:** Hoje está muito indiferente, mas quem sabe... Depende também dos líderes. Se for um líder que tem influência na sociedade, tem uma certa amizade, pode organizar ainda. Porque não é difícil, não.

**J:** Não é difícil?

**JTC:** Não. Querer é poder.

**J:** Porque hoje em dia também não tem mais esse monte de crianças...

**JTC:** É. Hoje acabou. Hoje com o negócio dessas Bolsas do governo... dos pobres, das pessoas, sempre todo mês eles tem dinheiro pelo menos para comer...

**J:** Tem bolsa-família.

**JTC:** Tem bolsa-família, tem tudo Hoje não precisa mais.

**J:** Mas para aquela época o pessoal falava que era...

**JTC:** Era um vexame, rapaz! Aquilo ali... Quantas vezes levantei com eles na porta lá, na maior hora da noite, tinha lá 3 a 4 meninos querendo comer. Isso era todo dia, não era só lá uma vez por outra não. Isso era uma coisa que infectou a cidade. Tanto é que surgiu esse pensamento. Formou a Abidi, que é Associação Benemerente à Infância Desamparada de Ipanema. Então, foi uma coisa boa, boa mesmo.

**J:** E como é que o senhor via a figura desses líderes, por exemplo, o Dr. Reynaldo e o Padre Elpides...

**JTC:** Era uma reunião de fraternidade, era uma coisa boa mesmo e tinha o apoio maciço da cidade. Todo mundo aconselhando... Não dá, não dá nada, não dá esmola, não dá nada para ninguém na rua. Se chegar, manda pra Abidi. Dá uma ajuda lá. Aí não faltava não. E não era comida fraca não, era comida boa.

**J:** Dizem que quando foram servir, os senhores até comeram a comida lá junto com os meninos.

**JTC:** É. Comida boa, não era uma lambança não, era bem organizado. Inclusive que a cozinheira lá era até membro da Assembléia.

**J:** Quem?

**JTC:** Sebastiana.

**J:** O pai me falou que a cozinheira tinha uma mão boa para fazer comida.

**JTC:** É mulher distinta!

**J:** Logo alguns anos depois o Dr. Reynaldo foi transferido.

**JTC:** Promotor de justiça? Ele era um cara sério. Sujeito distinto. Muito bom, sujeito distinto mesmo.

**J:** Ele está lá em BH hoje.

**JTC:** Ele era um sujeito muito comunicativo e nasceu uma amizade muito profunda, viu...

**J:** E o Padre Elpides?

**JTC:** O Padre Elpides também. O Capitão Padilha...

**J:** O capitão Padilha que o senhor fala é o Clarindo?

**JTC:** Pra mim o nome dele é Padilha.

**J:** Nas atas, fala-se no tenente Clarindo de Carvalho, aí não sei se o Capitão é o Clarindo.

**JTC:** Deve, mas o Clarindo deve ser ele mesmo. Deve ser o tenente. Na época ele era tenente, depois ele passou a capitão. Ele esteve fora uns tempos e depois voltou como capitão.

**J:** A turma inicial da Abidi era muito unida?

**JTC:** A circunstância exigia. Porque o negócio era feio mesmo. A “pidilança” de menino aí na rua. Não é o caso de não dar. Acontece que cedo não tem nada feito e vai fazer comida de noite? Então foi uma coisa muito boa. Pena que acabou. Se bem que agora não está precisando. Com a lei das aposentadorias dos velhos e as bolsas já ocorreu uma amenizada boa na situação.

---

**ANEXO 5 – ENTREVISTA 5 – Maria das Graças Pereira**, esposa do maçom José Hipólito Pereira. Participa ativamente da Fraternidade Feminina da Loja desde a década de 1972. Dia 18/07/2009. Casa da entrevistada.

**J:** A senhora lembra da Ala na década de 1970?

**MGP:** Hoje nós somos uma equipe maior. E parece que a gente está com uma consciência maior. Porque nessa época, nós éramos poucas, mas trabalhávamos muito. Sua vó, dona Maria... a Ione foi a presidente que fez funcionar. Ela era eficiente. Ela é tia do Roberto, irmã da mulher do Edgar. Ela já morreu. Ela teve aquela escolinha na Rua do Pereira. Dona Benina já era até viúva e participava na década de 70 e ela era excelente. Ela participava demais. Ela foi fundamental na ala feminina.

**J:** Porque que a Ala ficava acabando e recomeçando? Porque tinha pouco apoio da Loja?



**MGP:** Quando começou não me lembro. Mas isso te falo que é por falta de interesse de pessoas. Falta de liderança. Tem gente que não quer aceitar nada. Não quer fazer nada. Eles querem participar. Mas não querem ir à frente, correr atrás. Porque isso dá trabalho. Então acho que um pouco é por isso. E realmente a maçonaria era muito fechada. Lembro que uma vez a gente, na confraternização, não levava filhos. Ora, como, numa festa de confraternização, seu pai vai e deixa os filhos? Então, diziam que meninos faziam barulho. Ora, confraternização é família. Na época, um dia falei: “Não vou. Isso vai ter que mudar”. Eu, sair de casa e deixar minha filha porque ela não pode ir. Se ela vai dar trabalho, vai dar é para mim e não para os outros. Mesmo porque, agora, acho que se é uma confraternização de maçom, tem que ter a família do maçom para ter uma coisa assim, uma confraternização de verdade. Para você ter um desejo de fraternidade.

**J:** A diferença da Ala de antes com a de hoje... A senhora percebe que o apoio da Loja mudou? Hoje dá mais apoio? Antes parece que era pouco apoio...

**MGP:** Eu acho que hoje a gente vê muito maçons dizendo que a Maçonaria melhorou muito depois deste trabalho da Fraternidade. Dessa ligação que a gente tem. Tudo que faz a gente está ajudando ao outro. A gente está contribuindo. Está entrosando. Acho que tem que ser dessa forma mesmo porque o nosso ideal é o mesmo.

**J:** Essa é a Ata de 97. Ela foi reconstruída em 97. Tem aqui a Maria Helena, Alzerina, Luci e a vó. Quem assinou aqui estava com o cargo. Nessa outra ata aqui a senhora já assina. Nessa ata mudou o nome de Casa da Fraternidade para Fraternidade Feminina. Porque mudou o nome?

**MGP:** Porque o nome era muito grande. Era “Casa da Fraternidade das Senhoras dos Maçons”. Daí fizemos uma votação de nome. Só sei que ninguém gostava desse nome. O “das Senhoras dos Maçons” é que ficou feio (risos). O nome “Fraternidade Feminina” é muito mais bonito, mais harmonioso.

**J:** Estava olhando que hoje ela está há doze anos, ininterruptos, trabalhando. Em 1962 ela trabalhou um pouco e parou. Em 1977, o livro de atas fala que ela foi até oitenta e pouco e parou de novo também. Aí ficou 17 anos inativos e depois ela ressurgiu.

**MGP:** Mas é justamente por isso. Foi falta de vontade mesmo das mulheres de reerguer. Toda vida, gostei desses movimentos. Faz parte da vida.

**J:** Até vi que a senhora e Tereza do Betão fazem parte dos Vicentinos. Tem alguma coisa que os Vicentinos implantaram dentro da Ala? Alguma coisa que os Vicentinos criaram e a Ala está fazendo?

**MGP:** Tem. Por exemplo, a gente começava a coisa e às vezes rezava o Pai Nosso e a Ave Maria. Hoje não. Hoje eu faço questão de levar uma leitura. E não sou só eu. Depois disso, todo mundo leva uma reflexão. E esse trabalho também que você que a gente estava fazendo. A gente visitava algumas vezes. Às vezes a gente vai lá e dá alguma ajuda financeira. Algumas vezes comprando alguma coisa, alimentos. Sempre a gente fez. Igual a Campanha do Natal. Mas ficava por ali. E uma vez eu disse: “Gente, você tem necessidade de tomar água de quanto em quanto tempo? Pois é. O pobre necessita da gente são todos os dias. Não passa fome só no Natal. Então vamos fazer alguma coisa. Não só material” Porque são com essas visitas que nós estamos agora organizando. Tem um projeto que eu estou mesmo estou colocando em prática. Nós fomos visitar creche, asilos e Apae. É tipo uma bandinha. A gente leva música. Visita com música. Isso para interagir com a música. Um velhinho deitado lá no hospital... sei que isso o alegra.

**J:** Quando estava fundando a APAE. Acho que foi em 2001 ou 2002, o Raul foi lá. A Fraternidade fez a doação e participou da abertura da APAE...

**MGP:** Fazemos aniversário deles, da turma toda. A gente leva bolo e até presentes.

**J:** E tinha também o concurso “Rainha das Bonecas”. E hoje não tem mais, né...

**MGP:** Ah, sim, fizemos. É o tipo de coisa... Tudo passa. Tem sua época... Porque dá muito trabalho. Mas acho que tem algumas coisas que tem que virar costumes. Era um concurso aonde tinha a rainha da boneca que era bom porque levava dinheiro para a gente fazer nossas obras sociais e movimentava a cidade. Porque acho que dá vida. Esses movimentos dão vida. Igual, por exemplo, “Noite do Caldo”, “Noite da Massa” e “Noite do Chá”. Não pode acabar. Ainda tem todo ano. E essas três coisas não podem acabar. Primeiro, virou tradição. E outra, você não precisa correr. Se pegar cem bilhetes, você vende sem fazer muito esforço. Sempre

perguntam se vamos fazer no próximo ano. A gente ouve música, tem sorteio. A gente pede brindes para fazer o sorteio. É mesmo só para movimentar e é muito legal.

**J:** Esse das bonecas... Estava lendo que ia ter o concurso e que movimentava a Ala todinha.

**MGP:** É. Igual, no início, nós fizemos dois anos de festa junina cá fora. Com Mateuzito e tudo. E a gente pagava o Mateuzito, mas não cobrava de ninguém. E aí estava ficando muito caro para a gente. Estava tendo prejuízo porque tem que pagar. E eu acho que todo mundo para ir a algum lugar paga alguma coisa... Com o Mateuzito nós paramos porque era muita gente e a maçonaria não agüenta. Então a gente achou melhor “dar um tempo”. E mesmo porque depois começou a ter muitas festas juninas em Ipanema. Na “Noite da Massa”, fiquei controlando. É que tem que ter um limite. Eu fiquei na portaria e umas cento e cinquenta pessoas voltaram porque não tinha ingresso e não podiam entrar. É uma coisa que dá muito trabalho, mas nada nesse mundo vem de “mão beijada”. Você tem que correr atrás. E movimenta a cidade. Basta falar que vai fazer alguma coisa de comida na maçonaria, da “Fraternidade”, o povo não tem dúvida. Ele sabe que vai e que vai ficar satisfeito. É um ambiente bom e que vai ficar satisfeito. E isso é muito bom.

**J:** A senhora lembra de algum evento, alguma reunião, que mexeu muito com a senhora? Que emocionou? Que falou que valeu a pena estar na Fraternidade Feminina? Alguma coisa assim que a senhora lembra?

**MGP:** Gosto muito desse lado social. Fraternal. Eu não gosto de sair muito de minha casa para ir num boteco. Gosto muito de comemoração que tem um motivo. Não posso falar que teve algum que foi mais que o outro. Acho que todos valem a pena. Quando se faz, igual fizemos aquele natal na Vila Vicentina, a comunidade e a rádio nos ajudaram. Foi uma trabalhadeira. Você corre nesses altos. Entrega ficha. Você tem que levar, tem que escolher. Fica meio cansativo e a gente fica preocupado porque não tem para todo mundo. E com isso a gente recebe muita crítica porque a gente não pode fazer pra todo mundo. Eles falam porque tem o direito de falar e estão sentindo na pele que não vai. Igual ao último natal que fizemos... eu fiquei para escolher no Posto Canivete, mas lá tem mais menino que tudo. Fizemos um cadastro para sabermos quantos presentes. E sempre a gente compra mais uns trinta presentes porque chega alguém e a gente dá, mas, às vezes, não dá. Então vêm as pessoas na minha porta. Na época de espalhar a cesta básica no natal, a menina até me disse que eu só fico

rindo, mas tem que ser assim, porque eles acham que tem que ser para todo mundo. Mas isso é mal do ser humano. A gente acha que você pode fazer tudo, mas, eu não posso. E a gente acha que o outro só pode falar sim. A gente tem que saber conviver com isso.

**J:** O Posto Canivete é citado na ata de 77. Até hoje não estou situado onde é o Posto Canivete.

**MGP:** Sabe indo para Conceição? Quando você vira, sai da cidade, tem umas casas lá embaixo? É ali. Você tem que ver o tanto de casa e criança que tem ali. Agora, isso no Posto Canivete, quando fizemos, eu e a Nicandra, que era mais nova... A gente é que dava banho em uma senhora lá, de idade, que estava doente. A gente levava comida, remédio, roupa de cama, colchão e até a bacia para dar o banho.

**J:** Tem um caso da senhora Maria Filomena de Jesus. É essa?

**MGP:** É. E nós, eu e Nicandra, que íamos lá dar banho, alimento e remédio. Levava tudo porque não tinha nada. Então nós chegamos lá e faltava tudo. Aí nós compramos uma bacia, arranjamos roupa de cama, compramos colchão, levamos médico e remédio. Dávamos o remédio de seis em seis horas. A gente levava de manhã o mingau e dava o banho. De tarde trabalhamos. A Nicandra dava aula. Quando uma não podia, a outra ia ou as duas iam juntas. Quando nenhuma podia, outra pessoa ia. A Nicandra tinha uma alma... Sabe aquela alma generosa, que você a olha como a pessoa mais linda do mundo? A Nicandra era assim. Muito boa. A mãe dela era espírita. A gente ia lá e a mãe dela rezava nos túmulos do cemitério. A gente passava lá para fazer visita. A mãe dela era boa demais. A Nicandra também era. Mas os espíritas têm uma doação, uma entrega... Vou te falar... A gente tira o chapéu.

**J:** E alguém já demonstrou não querer ajuda? Teve algum que já negou? Por ser da maçonaria...

**MGP:** Não. É gente muito humilde. Carente de tudo. Carente até do sorriso da gente.

**J:** E esse pessoal até falaria bem da Loja por ter ajudado, né?

**MGP:** É. Às vezes, somos muito criticados por ajudar pessoas porque às vezes chega na casa, tem uma mulher “dessa finurinha”, o homem é vagabundo, bebe, bate na mulher, não

trabalha, nem nada. Mas está aquela mulher com dois ou três filhos. Aí a gente pensa naquelas crianças. Não tem jeito de eu levar comida pra você se você mora com sua mãe e não vai comer. A gente tem que passar por cima disso. A gente é muito criticado. Porque a gente não está na verdade ajudando ele. A gente está com pena daquela pessoa que está ali sofrendo. Da criança, da mulher que às vezes é massacrada, que não tem nem como trabalhar porque não tem condição. E hoje tem creche, mas antigamente não tinha. Às vezes uma pessoa velhinha, que tem uma aposentadoria, mas o filho vai lá e tira o dinheiro dela todinho e deixa sem nada. A gente olha o que está necessitando. O que está precisando.

**J:** Estou vendo que a Ala está evoluindo bem. Ressurgiu agora e parece que para ficar mesmo.

**MGP:** Está um trabalho muito bom da Karla, que é muito trabalhadora. Acho que tem espírito de liderança. Por mais que ela tenha os afazeres dela, ela organiza. Claro que todos ajudam, mas ela está sempre presente. O líder sempre tem que estar presente. Você delega afazeres, mas você está à frente e tem que dar uma olhada. Não uma cobrança, uma olhada. E ela pega firme com a gente. Outro dia fizemos a “Noite do Boteco”. Fizemos em Maio. Fizemos para umas cem ou cento e cinquenta pessoas. Fomos experimentar, mas a coisa foi legal! Essa história surgiu quando dissemos: “O que nós vamos fazer?” Ah, vamos fazer a Noite do Boteco. Daí selecionamos as comidas: torresmo, mandioquinha, filezinho, carne assada e mocotó. Essas coisas de boteco. Precisa de ver como foi legal. No outro dia todos disseram: “É um absurdo! Você faz e não convida a gente!”. Nós fizemos diferente: nós não vendemos o ingresso. Nós fizemos um convite e cada pessoa ficou com seis convites para distribuir porque ficou limitado em cem a cento e cinquenta convites. Daí eu chegava para você com o convite, te convidava e você confirmava para mim para nós não ficarmos fazendo coisa para jogar fora. E aí... Quem era casado, podia ir com a família. Chegando lá, o que ele comia, ele pagava. Não foi cobrada a entrada, mas o consumo foi. E todo mundo ficou muito feliz por não pagar. Nós até pensamos em cobrar dois ou três reais mas decidimos convidar. Fazer um convite. E no convite a gente falava que tudo que comer tinha que pagar. E cada comida era um preço. E deu certo! Uma vez nós arrecadamos fraldas descartáveis como entrada. E nós levamos para os asilos, para a Apae, para onde precisava. Nós distribuimos. Sempre tem movimento. Sempre fazemos um trabalho.

---

**ANEXO 6 – ENTREVISTA 6 – Messias Donizete**, subtenente PM, foi o primeiro comandante da Guarda Mirim, quando de sua fundação em 1984. Dia 20/07/2009. Restaurante Dom Pedrito, em Caratinga/MG.

**J:** Como é que chegou o convite pra você ser o primeiro comandante da Guarda?

**MD:** Lá na época, 1984, eu era comandante de Destacamento da localidade lá. Quando eu cheguei lá, officiei a todas as autoridades da Comarca lá da cidade que eu tinha assumido comando de Destacamento. A partir de então eu fiquei conhecido de todos: do prefeito, do seu pai, do juiz Dr. Francisco e do Celsinho. Eu fiquei conhecido de todo mundo lá. Eu não quero arrastar papo, mas nós fizemos um grande trabalho lá com seu pai que tem conhecimento, entendeu? Aí fundamos essa Guarda Mirim, fui convidado pra mexer com a Guarda Mirim, formamos os meninos e empregamos os meninos. Todos os meninos nos estabelecimentos de comércio, na prefeitura, posto de gasolina do Sílvio, em lojas, farmácia. Depois de muita relevância em nosso trabalho lá e de grande repercussão, fui convidado depois para mexer com Guarda Mirim em outros locais onde não tinha.

**J:** E hoje em dia só tem meninos que são seuscolegas de trabalho...

**MD:** Três eu conheço, dois estão em Ipanema. Foi bastante gratificante, eles lembram de mim e falam que eu era rigoroso... Que eu era isso, que eu era aquilo, e é por causa disso que eles hoje estão do jeito que estão.

**J:** Então sempre deve chegar alguém para o senhor e agradecer pelo tempo de guarda.

**MD:** Sempre tem e isso é muito importante.

**J:** E tem alguma coisa que o senhor lembra, algum fato que o senhor não poderia deixar de falar, que mexeu com o senhor?

**MD:** Era o dia lá da formatura. Formando os meninos lá e a gente vendo aquele negócio todo lá com uma repercussão boa. A gente fica bastante lisonjeado. O juiz pegou lá no chifre do boi. Todas as coisas boas que você faz na sua vida, você tem vontade de repetir de novo. Se o que você fez deu certo, você nunca esquece... É muito bom.

**J:** Você pegaria no chifre de novo para mexer com guarda?

**MD:** Pegaria. Eu gostei muito. Foi uma das melhores cidades que já comande... O destacamento em Ipanema ficou marcado na minha cabeça, foi diferente.

**J:** Como é que o senhor lembra da Loja Maçônica?

**MD:** Sempre presente nas nossas reuniões. O Celso que era Venerável. Sempre presente.

**J:** A Guarda Mirim fica nos fundos da Loja. Antigamente era também? Ela funcionava ali? Fazia chamada ali?

**MD:** Não. Fazia chamada no meu quartel.

**J:** Porque hoje ela faz chamada na porta da Loja.

**J:** Hoje ela funciona no lugar que eles construíram para ela, que é nos fundos da Loja.

**MD:** Lembro que dava para fazer isso aí mesmo.

**J:** Como é que foi chegada da primeira turma? Como foi a formação dos primeiros meninos? Como é que se chegou ao nome deles? Tinha alguma prova? Porque hoje tem prova...

**MD:** Quem quisesse ingressar, poderia procurar o quartel da Polícia Militar local. Fazia inscrição. Tinha inscrição.

**J:** E os desfiles cívicos? Dava trabalho ensaiar esses meninos?

**MD:** Nossa Senhora! Treinei esses meninos como se fossem soldados de verdade. Tive muito trabalho. Lidar com tantas pessoas é muito difícil.

**J:** O pessoal comenta que na fase do senhor e do Gegê era mais rigoroso do que é hoje.

**MD:** Comigo era ainda mais. Para fazer dos meninos, homens de verdade. Os meus policiais, da minha equipe, toda vida fui rigoroso com eles. No serviço não deixo cochilar, não deixo fazer nada. É para fazer isso. Fazer aquilo. E eles não gostam. Empregado não gosta do patrão e a mulher não gosta do marido. É verdade. É norma. Confiar é bom, conferir é melhor. Não esquece não. Tinha um comandante do Batalhão, seu pai deve lembrar, falava disso aí: “Eu tenho um ditado muito certo do Messias. ‘Confiar é bom, mas conferir é bem melhor’. Sempre”. Vai ao posto de gasolina, pára o carro e fala: “Põe cinqüenta reais de gasolina”. E sai para tomar um café. Quando você chega, a bomba já está virada. Você acha: “Será que foi colocado cinqüenta reais lá”? Você não viu. Você não conferiu. Você confiou. Você manda trocar o óleo do seu carro: “Troca o óleo do carro para mim aí que vou ali e já volto”. Muitas coisas podem acontecer nessa troca de óleo. Pode trocar o óleo seu, que são quatro litros, e pode colocar só dois e meio. Ou pode colocar três e ficar um lá para ele vender para outro. Ou ele deixa só com três e põe mais um do velho. Ou ele põe o bujão embaixo e deixa sair tudo. Daí você pensa que colocou tudo, mas não foi assim. Daí você sai e bate o motor do seu carro. Então, você tem que conferir essas coisas. Não é só falar: “Está certo aí?”. Tem que conferir.

**J:** É o que a gente fala no jornalismo de checar a informação.

**MD:** Você tem que conferir. É muito importante isso aí. O avião fez a manutenção. O mecânico fez uma revisão, mas deixou um parafuso bambo no avião que subiu e caiu por causa daquele parafuso. E matou 289 pessoas. Não adianta. O mecânico fez a conferência, mas tem que ter uma pessoa para conferir o que mecânico fez na revisão. Existiu em Ipatinga uma médica que comprou um Monza zero na Viauto e ela foi viajar para Valadares. O carro arrancou a roda com ela e a matou. Tinha feito a revisão, mas não tinha apertado as rodas. Só colocou os parafusos. E matou a médica lá. Aí fala: “Ah, mas é novo!”. É novo, mas foi o homem quem fez. Ninguém confere, mas uma hora um ninguém desse vai para o buraco. Então, eu sou dessas pessoas de rigor. Sou muito enjoado. Gosto de conferir. Acredito em você, mas eu confiro. Não é desonestidade que estou pregando. Estou pregando falha do ser humano.

---



**ANEXO 7 – ENTREVISTA 7 – Obedes Câmara**, sargento PM, atual comandante da Guarda Mirim de Ipanema. Dia 17/07/2009. Casa do entrevistado.

**J:** Como está a Guarda hoje?

**OC:** 110 formados e 70 recrutas, que eles falam de alunos em formação. O período de formação deles é de oito meses a um ano. Existem as promoções que são feitas anualmente e essas promoções são feitas. Hoje tem curso até de tenente coronel lá. Aumentamos um pouco. Eles entram como soldados e, de acordo com o desenvolvimento dele, tanto na guarda quanto no local de trabalho, vai do comportamento dele, ele vai graduando. Tem guardinha lá que estão comigo praticamente dois anos, que é o tempo que estou lá. Entrei no final de setembro de 2007, depois a morte do Chiquinho. Então, estou com menino lá que tem dois anos que não promove. Por exemplo, o guardinha, durante o ano, se tiver três punições, ele não promove. Ele pode ser excelente no serviço dele lá, área particular que ele desempenha as funções fora da guarda mirim, igual a maioria deles trabalham. Então ele pode ter dez lá, mas, se comigo tiver uma falta que a gente usa como punição, como por exemplo: faltar a chamada, andar mal fardado, responder superior, chegar atrasado para as chamadas, andar com a farda suja. É um regimento interno que a gente tem que punir eles como também andar de bicicleta encima do “passeio”, sentar fardado na calçada.

**J:** Quem também antigamente jogava videogame em locadora!

**OC:** Não pode. Então, a gente trabalha dessa maneira. A punição continua ainda severa, a gente manda embora. A gente prega isso direto lá. Fala. Os exemplos maus são mostrados para servir de exemplo bom para os outros. Na segunda feira mandamos uma menina embora por causa de bebida. Foi pega na rua bebendo, até numa festa que houve lá na Loja mesmo, no salão lá. E fiquei sabendo que tinha outra também e vai ser mandada embora. Segunda feira também vai ser desligada. Então: bebida, droga, fumar, jogar, trabalhar sem farda, são tipos de punição que a gente manda embora automaticamente. Não tem segunda chance. Mas, outros tipos de faltas não. A gente reconsidera. Por exemplo, se tomar “pau” na escola também é mandado embora. Se perder nota em duas matérias consecutivas, por exemplo: português no primeiro e português no segundo bimestre, não é que ele vai embora. Ele sai do serviço e vai só estudar porque se tomar “pau” no final do ano vai embora. O motivo de tirar

do serviço é isso: de evitar que perca o ano para não ser mandado embora porque para a Guarda não é bom e nem para a criança também.

**J:** Se ela repetir o ano, está fora da Guarda?

**OC:** Sai. Se ficar no Supletivo, não. Se o Estado, a escola, dá uma chance para ele ficar, repetir o ano no mesmo ano, seria injusto da minha parte. Nesse caso, não mando embora não.

**J:** E já teve algum pai que veio falar com o senhor que o filho melhorou depois da Guarda? Teve algum retorno?

**OC:** Teve. Temos muito. Tivemos meninos que, graças a Deus, entraram de uma maneira mas... Porque a disciplina é muito dura. A disciplina lá é de militar mesmo. Inclusive, o Código de Ética deles é o mesmo Código de Ética nosso, da polícia militar. Levei para lá. Simplesmente fiz algumas adaptações, mas é ele mesmo que está lá. É difícil mexer com a Guarda Mirim. Não é fácil. A intenção da gente lá é formar caráter. Formar pessoas. Formar homens e mulheres de bem. Então, por isso, algumas coisas a gente não aceita. Não vai ser viável para eles no futuro.

**J:** Mas é um trabalho que o senhor gosta?

**OC:** É. Esse trabalho, tanto o Proerd quanto a Guarda, é um trabalho voluntário. Lógico que ninguém é obrigado e não tem como ninguém fazer o que não gosta. Isso é “jogar farinha no vento”. Se a finalidade dela fosse só mexer com meninos de “bem”, que não desses problemas, não teria nem motivo para existir Guarda Mirim. A intenção dela é ajudar na formação do ser humano mesmo. Eu também não posso pegar lá, por exemplo, todo mundo errado. Eu tenho lá, por exemplo, dos 170 meninos de hoje, tenho lá mais ou menos 140 a 150 meninos que eu garanto eles. São pessoas já de caráter formado, que não me dão trabalho e são pessoas realmente muito boas. Tem lá uns 25 a 30 que dão um pouquinho de “dor de cabeça”. Mas a gente procura acompanhar esses mais de perto.

**J:** Como é que está o apoio da maçonaria?

**OC:** A Loja nos apóia mais com o local. Na realidade tudo que depende deles não agarra, não. Pelo menos comigo nunca agarrou até hoje.

**J:** E como é que surgiu a oportunidade de trabalhar com esses meninos?

**OC:** Olha... Eu sou um cara que não sou voluntário para nada, mas a gente também nunca se esquivou das responsabilidades. A gente é evangélico. Graças a Deus, fomos criados num berço evangélico, então, assim, esse negócio de ajudar os outros já vem de berço. A Bíblia ensina assim e a gente deve viver assim. E tudo que você puder fazer pra ajudar alguém você deve fazer. Se tiver na sua condição de fazer você deve fazer. Então nunca fui voluntário. Quanto Chiquinho faleceu, em 2007, a Maçonaria reuniu, porque sempre são eles que estão na frente. E foram escolher outra pessoa para o lugar do Chiquinho e entre os nomes dos policiais de Ipanema, éramos na época 25 policiais, o nosso nome foi escolhido. Devido a nossas atividades na igreja, devido à nossa vida moral. E perguntaram se aceitávamos e dissemos: “Vamos tentar. Vamos tentar caminhar”. Com o Proerd foi a mesma coisa. Para você ser instrutor do Proerd você não pode beber, não pode jogar, não pode fumar, não pode ter mais de uma mulher. Esse negócio todo. São pré-requisitos.

**J:** Como foi assumir o comando da Guarda, em 2007?

**OC:** Assumi em 26 ou 27 de setembro. Ele morreu no dia 17.

**J:** E o senhor lembra do Chiquinho na Guarda? Dizem que quando ele morreu comoveu a cidade inteira.

**OC:** Eu acho que foi uma das... Em se tratando que foi um policial, um cabo, às vezes, você não consegue... Às vezes não é bem visto pela população. Alguns sim e alguns não. Então, nós algumas vezes não somos valorizados pela sociedade. E vimos o tanto de gente no enterro dele, se tratando de um cabo da polícia, foi algo de se admirar mesmo. Ele era uma pessoa muito bem quista aqui, devido esse trabalho que ele fazia na guarda... ser criado aqui em Ipanema. Ele ficou na guarda acho que mais de sete anos. Então foi muita gente mesmo. Veio de fora. Oficiais da PM vieram aqui no dia. Foi um negócio marcante. Parecia enterro de político. Parecia alguém bem famosa na cidade. E era uma pessoa boa. Pessoa realmente fora

de série e ele “respirava a guarda”. Ele gostava da Guarda Mirim. Era apaixonado pelo negócio. Ele gostava muito da Guarda. Dava a vida por ela.

**J:** E foi de repente?

**OC:** Foi de repente, mas não muito. O Chiquinho já teve, como soldado já quatro ou cinco anos, um problema de coração. Ele fez ponte de safena. Colocou válvula, parece. E essa válvula tinha que trocar ela com dez ou doze anos de uso. E ele foi fazer a substituição dela e foi durante a substituição da válvula lá que ele faleceu. Teve rejeição. Teve infecção. Um monte de complicação lá e ele não agüentou.

---

**ANEXO 8 – ENTREVISTA 8 – Paulo de Godoi Pereira**, membro ativo e ex-presidente da Loja. Estudou no Ginásio Ipanemense, escola criada pela Loja e foi presidente da Guarda Mirim. Dia 19/07/2009. Casa do entrevistado.

**J:** Como foi sua época de Ginásio?

**PGP:** Tive que parar de estudar e quis voltar. Procurei o Dr. Geraldo e falei que eu queria voltar, se tinha jeito de eu voltar. Ele disse: “Pode voltar”. A maçonaria deu bolsa para mim e para meu irmão. Fiz faculdade de Direito e Ciências Contábeis, em Caratinga. Mas o tempo do Ginásio foi muito bom para mim. Foi uma oportunidade que eles me deram na vida de eu poder estudar naquela época.

**J:** Naquela época todo mundo tinha que pagar pra estudar no ginásio ou era liberado? Porque no Imaculada pagava...

**PGP:** No Imaculada pagava e no Ginásio era um custo menor. Eles faziam um cálculo e cobravam apenas um valor de custo. Não tinha lucro. Enquanto que, no Imaculada, visava lucro. Então cobravam uma taxa mínima e quem não pudesse pagar, não pagava. No meu caso, por exemplo, a mamãe já pagava meia mensalidade para o meu irmão e eu ganhei a bolsa integral.

**J:** Como é que o senhor lembra do Ginásio?

**PGP:** O Ginásio Ipanemense não tinha de rezar. Tinha o hino do Ginásio e o grêmio, uma vez por mês e nesse tempo cantava o hino nacional e não dedicava a rezar porque a Maçonaria não é religião. Já no Imaculada da Conceição, você tinha que rezar todos os dias para entrar. O Ipanemense não tinha isso. E lá no Ginásio eu lembro que era assim um pessoal muito simples. Eram umas coisas muito comuns. Muito simples mesmo. E onde, para estudar, a gente tinha que adequar e, também, quem estudava eram as pessoas mais humildes que estudavam no Ginásio. As pessoas mais seletas da sociedade iam para o Imaculada.

**J:** Era assim... dividido?

**PGP:** Era. Realmente. Aquele povo mais simples, mais pobre, mais sofrido é que ia para o Ipanemense.

**J:** E quando não havia o Ginásio, não estudavam?

**PGP:** Não estudavam. O Ginásio nasceu por essa razão. Por essa força. Era para suprir esse lado da carência das pessoas que não tinham acesso. Porque, o Imaculada ficava focado em muitas pessoas de bem, de capital, de dinheiro. Quem tinha dinheiro, estudava e quem não tinha, dançava. Não tinham nem acesso a quem pedir. E o Ginásio dava a mensalidade nos valores reduzidos e aqueles que eram, de fato, carentes mesmo, davam tudo pra eles. Integral.

**J:** Li nos relatórios internos que teve um show do Carequinha aqui... O senhor lembra desse show?

**PGP:** Lembro sim. O Carequinha veio justamente aqui, para uma promoção: “Ajude o Ginásio Ipanemense”. Ele veio fazer o show para ajudar o Ginásio. À época em que ele veio a Ipanema, teve um episódio, até interessante, que tinha recém-acontecido. Um menino sofreu um acidente e, não sei como, teve várias queimaduras no corpo e estava enfermo. Estava realmente muito debilitado. Daí alguém da família pediu pra levar o Carequinha lá pra visitar. Pra ver ele. Daí o Carequinha foi lá ver ele. Antes de fazer o show, foi lá na casa dele e o visitou. O Carequinha é maçom e a nossa Loja fez um contato e ele veio, pelo custo, para angariar fundos para o Ginásio Ipanemense.

**J:** E os festivais?

**PGP:** Muito bons os festivais de música regional. Eu me lembro bem ainda que um dia havia uma apresentação. O pessoal era metido a cantar *The Beatles*. Foi uma verdadeira piada. E teve uma música sertaneja... Uma música regional daqui que o pessoal gravou. E eles cantaram a música que tinha um refrão: “Daqui a duzentos anos, vai ser tudo diferente. Dinheiro vai ser plantado. Quem plantar vinte centavos, vai colher dinheiro empacotado. Galinha não vai botar ovo, vai botar o ovo frito. Vaca não vai dar leite. Vai dar queijo enrolado”. É um negócio desse. E foi a maior piada na época. E essa música ficou numas das finais.

**J:** Todo mundo sabia quem eram os maçons que estavam envolvidos?

**PGP:** Com certeza. Os maçons até se faziam presentes. E todos os eventos eram feitos no templo da Loja. Um evento cívico, ou qualquer coisa assim, tinha que fazer uma palestra. E isso aí fazia dentro do templo da Loja. Não existiam aqueles salões de festas.

**J:** E todo mundo conhecia quem eram os maçons que estavam lá...

**PGP:** O Gerson era, inclusive, disciplinário. Ele brincava muito com os meninos. Gostava de fazer mágica e tal. Ele é filho do senhor Orlando.

**J:** E quando chegavam, como é que o pessoal se referia aos maçons na época? Falavam que “está chegando o bode”?

**PGP:** Sempre tratava pelo nome, senhor fulano de tal.

**J:** Entre os alunos, não tinha nada?

**PGP:** Não. Existia muito respeito mesmo. O respeito era integral.

**J:** O Colégio funcionava atrás da Loja?

**PGP:** Onde tem aquela construção ali, que hoje é usado para a Guarda Mirim, foi feita, na verdade, para uso do Ginásio. Tinha várias salas ali. Aquelas áreas ali eram todas salas do Ginásio. Daí houve algumas transformações, quando acabou o Ginásio.

**J:** Eu estava lendo como é que o pessoal fazia para construir aquele templo...

**PGP:** Nossa Senhora! Que luta! E eu fico vendo como é que existiam pessoas mais abnegadas à causa... Você vê que aquele terreno, onde está a Loja, foi doado pelo Antonio Isidoro Rodrigues. Ele doou aquele terreno todo. Quando que o pessoal faz isso hoje? Nunca! E ele não era uma pessoa rica. Eu conheci o senhor Antonio Isidoro. Não era rico nem nada. Tinha aquele terreno ali e doou. Ele tinha a casa dele, onde morava e tinha aquele terreno ali. E na época que ele doou aquilo ali para a Loja, ele já era maçom. Quanto vale um terreno daquele hoje? Mais de duzentos mil!

**J:** No passado, a Fraternidade não participava tanto?

**PGP:** Não existia. A mulher era sempre difícil na maçonaria.

**J:** Mas não tinha a Casa da Fraternidade?

**PGP:** Mas quase que não existia reuniões.

**J:** Hoje ela está mais atuante!

**PGP:** Hoje a mulher é mais atuante, é mais presente. A gente vai para a reunião, a mulher vai junto. A gente reúne de um lado, ela reúne do outro.

**J:** Foi um avanço muito grande?

**PGP:** Ainda vejo que a maçonaria pode prosperar através da Fraternidade Feminina.

**J:** Se os homens aguerridos do passado, tivessem as mulheres atuantes de hoje...

**PGP:** A maçonaria teria feito mais. Teria feito muito mais. E poderia estar com a estrutura melhor para estar melhor hoje. Entendeu? Eu acho que sim. Eu vejo que a mulher tem mais qualidade que nós homens. Ela é mais dedicada à causa. Principalmente à fraternidade. A mulher é mais amiga. Mas, graças a Deus, eu iniciei na maçonaria num período muito bom e de bons maçons. No meu tempo eu tive o privilégio, a honra de ter conhecido homens como Dr. Geraldo, Zé Machado, Astolfo Ferraz... São pessoas que realmente fizeram a gente viver a maçonaria. E eles mostravam a causa. Não só falavam. Eles mostravam.

**J:** O Dr. Geraldo, o pessoal fala que ele era muito sério, mas, muito brincalhão também.

**PGP:** Ele era uma pessoa... Um brincalhão constante. Brincava com todo mundo. Gostava muito de falar as brincadeiras. De falar as bobagens. Mas muito dedicado.

**J:** E nos últimos anos?

**PGP:** A maçonaria, por exemplo, ajudou quando fundou a Apae aqui em Ipanema. A maçonaria esteve presente. Como não tinha sede, nós cedemos nossa área lá para a Apae se instalar. Hoje ela está em outro lugar, mas funcionou bom tempo lá. Graciosamente! Sem nenhum custo. A Loja nunca cobrou aluguel.

---

**ANEXO 9 – ENTREVISTA 9 – Reynaldo Lopes**, ex-promotor de Justiça, foi membro da Loja enquanto esteve em Ipanema, na década de 1960. Participou da fundação do Ginásio e da Abidi. Dia 20/08/2009. Escritório da RKL Advogados Associados em BH/MG.

**J:** Como era a turma da Loja que ajudava no Ginásio?

**RL:** Vou ver bem aqui se eu lembro: Gerson Alves Pereira, José Dias de Assis, Sílvio Vasconcelos, Jair Bento... muita gente...

**J:** E a idéia inicial?

**RL:** O terreno da Loja ficava sem função ou atividade. Então dei uma idéia: “Vamos montar um Ginásio aqui?”. E, Graças a Deus, deu certo. Deu certo por que era uma coisa muito



interessante. Até quem não tinha nada com maçonaria ajudou. E nós começamos a luta lá. E tinha o Dr. Geraldo, muito brincalhão, mas um grande líder... “Tô aí mesmo!”... Era tudo que ele falava... “Tô aí mesmo!”. Eu achava que precisava de um Ginásio. Eu falei que “nós estamos com o terreno ali à toa. Vamos fazer umas três salas de aula”, e graças a Deus deu tudo certo. Foi uma vitória mesmo.

**J:** Pelos relatórios internos, o senhor chegou e rapidinho o senhor incentivou o pessoal...

**RL:** Quando eu fui pra lá, acho que fiquei lá uns cinco anos...

**J:** O senhor era orador da Loja também?

**RL:** Eu fui orador uma época. Mas pouco. O Luiz era o orador lá. O Tio Luiz. Era chamado Luiz de Barros. Mas nós fizemos aquilo ali... Nós estávamos precisando de madeira. O que o pessoal fez? Pegamos o Gerson, que mexia com negócio de madeira e sabia, entendia. Via uma madeira e dizia: “aquilo é isso aí”. E um fazendeiro da época se propôs: “se os senhores tiverem condição de ir lá para minha fazenda, eu arranjo a madeira que quiserem lá. O senhor pode ir pegar a madeira”. Daí levamos o Gerson. Ele que pediu. Eu disse: “estamos aqui. O senhor disse que a madeira daqui era melhor, madeira de qualidade, e eu trouxe um cara aqui que é o Gerson”. E ele disse: “Mas logo o Gerson?”. E eu disse: “Bom. Estou atendendo aqui o que o senhor me falou!”. Aí o Gerson correu lá e arrumou, indicou as madeiras e nós arrumamos transporte de caminhão, de graça. Também regulamentamos o Ginásio. Porque ali estava faltando um cara para dar um impulso. E que um sozinho também não ia fazer nada. Aí o pessoal foi tomando ânimo. Olha só... as pessoas de atividades que estavam lá... Muita gente influente mesmo.

**J:** Nos relatórios internos, tem o dia em que o palhaço Carequinha foi fazer uma festa...

**RL:** Eu que o levei também.

**J:** Ele estava em Valadares e foi uma comitiva lá para conversar. E ele era da Loja Maçônica Estrela do Rio. Como é que foi isso?

**RL:** Fomos lá e conversamos com ele. Ele dirigiu um dia. Tinha hospedagem e comida. Essas coisas. Mas dinheiro, não. Foi uma festança mesmo. Tem hora que fico pensando: “Eu era meio doido mesmo”.

**J:** Na Loja, como é que foi a recepção dos irmãos lá? Para a idéia do Ginásio. Quando o senhor lançou a idéia.

**RL:** Eles não acreditavam. Não viam possibilidade. Só alguns. Mas a cobertura depois... igual mineiro... eu não gosto de abóbora... e depois que um come, come outro e gosta... O que é que dá o primeiro chute? Iniciar. Nós temos quase que as pessoas mais importantes. Vamos ficar aqui, só plantando feijão? Pra quê? E depois que engrenou, foi embora!

**J:** Tem a Abidi que o senhor também ajudou a criar...

**RL:** Foi em 2 de Janeiro de 1965. Eu estava lá. Abidi é Associação Benemerente à Infância Desamparada de Ipanema. É um nome simbólico. Pastor Alcindo e padre Elpides... pessoas fantásticas... A Abidi era de todo mundo. Não era da igreja protestante ou católica.

**J:** Do clube das senhoras dos maçons, o senhor lembra como é que foi a constituição? Primeiro foi a Dona Nadir... Tinha a dona Salete, sua esposa...

**RL:** Mas isso era interessantíssimo. Nós fizemos lá o natal dos pobres.

**J:** Até hoje é tradição. Mantém até hoje. Mas o senhor lembra como é que foi essa idéia?

**RL:** Era uma luta. Não tinha recursos. Estou lembrando de uma coisa importante agora. Natal. Fazia um rateio lá e comprava as coisas. Uma das mulheres ia lá pegar. Dava muita força.

**J:** O senhor passou por várias cidades?

**RL:** Até que não. Só fui promotor em Jequeri, Ipanema, Valadares e Belo Horizonte. E aqui encerrei minha carreira quando atingi o ponto máximo, Procurador Geral de Justiça. Aposentei e estou aqui com o escritório.

**J:** Eu fui a Juiz de Fora e conversei com José Ottoni de Oliveira. Era coletor federal. Ele fala que lembra do senhor.

**RL:** Ele era amicíssimo nosso lá em Ponte Nova. O meu pai era coletor também. Estadual. O José Otoni era um sujeito bom mesmo.

---

**ANEXO 10 – ENTREVISTA 10 – Tereza Faria**, participante da Apae de Ipanema, criada em parceria com a Loja, desde sua fundação em 2001. Dia 18/07/2009. Casa da entrevistada.

**J:** Como foi esse início da Apae?

**TF:** Esse grupo de pessoas que fez a primeira base da Apae... eu participei. Seu pai estava também. Então a primeira base da diretoria foi formada nessa reunião. E daí para frente nós começamos a correr atrás de lugar, de visita às escolas que tinha escola para crianças... e a principio eram só quinze assistidos. Aí tentamos que a prefeitura alugasse uma casa para a gente. Eles arranjaram uma casa só que a casa não era acessível porque tinha que ter acesso a qualquer tipo de deficiência e aí a maçonaria nos emprestou aquele anexo lá, onde já tinha funcionado uma escola. Daí nós adaptamos e ficamos lá um tempo. Eles nos ajudaram muito. A gente ficou lá muito tempo. E alugamos outra casa e a demanda começou a aumentar, só aparecendo mais alunos. E mudamos já para a Marcílio Dias, perto do “Coronel Calhau”. Aí passamos pela inspeção sanitária e começamos a adquirir os outros documentos que estavam faltando. E a gente está mexendo com documento até hoje. E lá já passou a não comportar mais nossos alunos e daí viemos para cá e estamos ali há uns três anos. Começamos com quinze alunos e hoje estamos com quase duzentos alunos. E a gente assiste outras cidades também. A gente é o conselheiro da regional. Mas a gente está bem equipado. Tem dois frizeres que nós conseguimos, um carro... a Prefeitura nos dá o combustível e o motorista. Mas o carro é nosso. A maior necessidade nossa agora é uma sede, adaptada. Uma sede específica para a APAE. Tem que ser uma coisa adaptada. A gente precisa de piscina, de salas específicas para determinadas deficiências. Tem que trabalhar muito. Tem muita coisa para ser feita!

**J:** E ali, a maioria é voluntária...

**TF:** Os professores que tem lá são cedidos. Agora, a diretoria toda é voluntária. Não pode receber nada. Está no estatuto.

**J:** E como foi formada a primeira diretoria?

**TF:** Foi na igreja. Através da Letícia, que convocou um grupo de pessoas e ali dentro daquele grupo, acho que umas 25 pessoas... as pessoas foram dizendo que queriam. Começou com Raul na presidência, o vice-presidente não me lembro quem. Só sei que eu fui 1ª Secretária e a Beatriz, a segunda. Ah, o senhor Mário Breder foi o vice-presidente. Aí formamos aquela diretoria ali. Seu pai era do Conselho Fiscal.

**J:** Foi meio de improviso a diretoria?

**TF:** É. Foi meio que “faca no peito”. Eu estou na diretoria até hoje. Forma outra “chapa” e eu só mudo de posição dentro da diretoria. Mas eu queria ficar só com arte.

**J:** Vi umas fotos da senhora ministrando uma aula de arte.

**TF:** Foi no princípio porque não tinha ninguém para trabalhar com os alunos. Agora os professores já trabalham. E já tem mais gente para trabalhar e eu não vou tanto mais. Porque eu já faço a contabilidade da Apae e é muito puxado. E preocupar com dinheiro para pagar as contas... A gente corre atrás. A gente faz festa. Faz movimento aí para pagar as contas.

**J:** E para mexer com a Apae tem que ter mais paixão pela coisa...

**TF:** Tem que gostar. Você tem que ser desprovido de qualquer grupo. Por que chega menino sujo. Agora eles já estão limpos. Entraram mais ou menos no nosso esquema, mas, no princípio, eles iam muito sujos. Tem uma menina que só toma banho lá. Ela já chega, pega a toalha dela e já vai para o banheiro. Só toma banho lá na Apae. Tem crianças que só comem lá. Então, a pessoa tem que ser mesmo dedicada de coração.

**J:** Esse negócio da Apae, movida pela paixão, me lembra minha tia. A senhora chegou a conviver com ela?

**TF:** Diretamente, não. Mas me lembro dela dando os primeiros passos com as crianças, porque minha prima trabalhou com ela. É dessa época que me lembro. Mas depois acho que ela passou a cuidar só de uma criança, não foi?

**J:** Não. Ela foi para o Imaculada. Sempre levando a turminha. Eram uns sete ou oito alunos especiais e o resto era regular. Era uma sala mista. Até vi uma foto dela lá na Apae.

**TF:** É. A Escola chama-se Loçaine Maria de Carvalho. Porque agora a gente já tem o ensino infantil e o fundamental. A escola já está registrada. Nós conseguimos o registro há pouco tempo. Aí inclui a educação de jovens e adultos. Você viu a professora de braile da menina com deficiência visual... a Kely. Se você vir a aluna lendo, você fica impressionado. E quando ela foi para lá, ela mesma ficava falando que não ia adiantar nada, pois não aprenderia nada. Essa menina é muito inteligente. Aí a Kely fez o curso e passou para ela e ela já lê. Teve uma missa da Apae aqui na Matriz em que ela leu a prece em braile. Antes ela lia, mas não guardava. Começava a ler e quando chegava lá na frente, às vezes, não sabia o que tinha lido. Agora ela já entende o que está lendo. Ela conta para você o que ela leu.